

50 anos de História

lutas e conquistas



Rua Ângelo Sgarbossa, 390 - Fone (54) 3355.1224 / 9.9605.7487

Sindicato dos Trabalhadores
na Agricultura Familiar de Ibiraiaras
SINTRAF/RS

Ignácio Dalcim

No passeio pela história dos 50 anos do Sindicato dos Trabalhadores (as) Rurais de Ibiraiaras, percebemos que houve uma evolução no seu próprio auto entendimento como entidade representativa. Assim, a figura do presidente não é aquela figura que fica apenas atrás do balcão atendendo os associados, mas alguém que está sempre em busca de algo novo em benefício de todos os agricultores e agricultoras.

A própria sede do sindicato tornou-se um lugar onde os agricultores se sentem à vontade para conversar, desabafar, trocar ideias, buscar soluções para determinadas situações.

Uma das preocupações do Sindicato de Ibiraiaras tem sido, e continua sendo, a conscientização, a formação e a atualização permanente de seus associados. A busca por um sindicato participativo, dinâmico, com os pés na situação presente e ao mesmo tempo com o olhar voltado para o futuro, tem sido o ideal perseguido de uma forma muito especial nestas últimas décadas.

Hoje os associados têm mais confiança no sindicato. O agricultor sabe que esta entidade é sua, faz parte dela, a defende, tem consciência de que é chamado não só a receber, mas também a contribuir com o coletivo.

Dalcim, Ignacio.

Ignacio Dalcim

50 anos
de História

lutas e conquistas

Passo Fundo/RS^o

Projeto Passo Fundo
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projeto passo fundo.com.br

e-mail para contato: projeto passo fundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: 50 anos de histórias: lutas e conquistas. História. -Passo Fundo: Pd.Berthier, 2016. 84p. :il., col.; 21cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 4,0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR);

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

D138c Dalcim, Ignacio

50 anos de história [recurso eletrônico] : lutas e conquistas /
Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

2,64 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-299-2

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projeto passo fundo.com.br>>.

1. Sindicatos – História – Ibiraiaras (RS). 2. Trabalhadores rurais. 3. Sindicalismo. I. Título.

CDU: 331.105.44

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
APRESENTAÇÃO.....	7
PRESIDENTES	9
AS ORIGENS DO SINDICATO E DA COOPIBI.....	11
HISTÓRICO DO TRABALHO LIDERADO PELAS DIRETORIAS AO LONGO DOS 50 ANOS.....	31
1°. PERÍODO: 1966 a 1971 – 6 anos Presidente: Angelo Miguel Catapan	32
2°. PERÍODO: 1972 a 1973 – 3 anos Presidente: Paulino Barbiero	34
3°. PERÍODO: 1974 a 1983 – 9 anos Presidente: Moacir Costa	35
4°. PERÍODO: 12/10/1983 a 10/10/1986 – 3 anos Presidente: Arnildo Perinotto	39
5°. PERÍODO: 1986/7 a 1992 Presidente: Rogério Guadagnin	41
6°. PERÍODO: 1992 a 1998 – 6 anos Presidente: Ari Benedetti	44
7°. PERÍODO: 1999 a 2001 – 3 anos Presidente: Valdir Zanin	51
8°. PERÍODO: 11/2001 a 11/2010 – 9 anos Presidente: Luiz Lazzarotto	54
9°. PERÍODO: 11/2010 a 11/2013 Presidente: Albenir Concolatto	61
10°. PERÍODO: 29/2013 a 11/ 2016 – 3 anos Presidente: Nelson Barbieri	62

ANEXOS

ANEXO 01:	69
MMTR: Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais	
ANEXO 02:	72
BRUXINHAS A SERVIÇO DA VIDA	
ANEXO 03:	78
Depoimento de Nilso Antonio Pietta:	
ANEXO 04:	78
Depoimento de Clevis Appio:	
ANEXO 05:	80
História da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Rio Grande do Sul - FETAG	
Referências Bibliográficas:.....	83

INTRODUÇÃO

Através da leitura destas páginas o leitor, especialmente o associado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibirairaras, vai embarcar no tempo e recordar fatos importantes da caminhada de nosso Sindicato.

Pedimos ao Ignacio Dalcim¹, que já tem uma certa experiência neste campo, para que nos ajudasse neste trabalho de resgate da história de nosso Sindicato. Como ele mesmo diz na apresentação deste livro, o que temos em mãos é o resultado de um trabalho feito em mutirão, com especial colaboração de Karine Tessaro, Nilso Antônio Pietta e Verena Ana Zwirtes. Podemos afirmar que colaboraram na construção desta história dos 50 anos do Sindicato não só as pessoas que tomaram parte das diversas diretorias, mas todos os agricultores e agricultoras associados de ontem e de hoje. Os altos e baixos desta história não é a história desta ou daquela diretoria, mas é a história que foi construída por todos, ora com mais intensidade ora com menos intensidade, dependendo da conjuntura em que se viveu cada período.

Este relato poderá ser útil na medida em que nos ajude a nos situar melhor no tempo e no espaço em que vivemos hoje, sem repetir os erros do passado e, quem sabe, colhendo luzes para enfrentarmos com mais sabedoria, coragem e esperança as dificuldades do nosso dia a dia. Se isso de fato acontecer, teremos atingido sim, o principal objetivo desta história, confirmando mais uma vez aquele dito popular de que “a história é mestra da vida”.

Nelson Barbieri

Presidente do SINTRAF

¹ Professor e presbítero, formado em História - filho de Attilio Dalcin, um dos fundadores de nosso Sindicato e da Cooperativa – é autor de “Breve História das Reduções Jesuítico-Guarani do Paraguai”; de “Fascínio e mistério nas ruínas das Missões”; de “50 Anos de amor e trabalho” (História da paróquia de Marau), de “Em busca de uma Terra sem Males” e outros...

APRESENTAÇÃO

Um dos objetivos deste livro é resgatar e registrar os 50 anos de história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras - RS (STR), hoje SINTRAF - Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar.

Para o registro desta caminhada, buscamos, além da documentação escrita, como livros de Atas e outros, o testemunho de pessoas diretamente envolvidas nas lutas e questões de maior interesse dos trabalhadores e trabalhadoras rurais. Podemos até afirmar que este é o resultado de um mutirão, pois dependeu da colaboração de muitas pessoas, especialmente dos membros da Diretoria atual, a quem sinceramente agradecemos. Provavelmente alguns nomes de pessoas não estejam corretos, demos preferência às assinaturas o que nem sempre corresponde às certidões. Por certo algumas lacunas serão notadas pelos artífices diretamente envolvidos nesta caminhada, a quem de antemão pedimos escusas e estamos certos de sua compreensão.

A história do STR de Ibiraiaras não se trata de uma história isolada, mas faz parte de uma trajetória e conjuntura maior vivida pelo povo brasileiro. Por isso, procuramos contextualizar, ou seja, inserir os passos de nosso Sindicato na caminhada maior realizada pelas lideranças sindicais dos trabalhadores e trabalhadoras rurais ao longo destas cinco décadas. Veremos, por exemplo, que algumas vezes a história do Sindicato se mistura com a história da COOPIBI (Cooperativa Agrícola de Ibiraiaras), especialmente no seu início. Que a maioria das lutas e conquistas aconteceram pelo trabalho conjunto e organizado de movimentos como MPA, MST, MMTR, dos Sindicatos da região, filiados primeiramente à FETAG (Federação Estadual dos Trabalhadores na Agricultura), à CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), ao MPA, depois a FETRAF-Sul, e, recentemente à SINTRAF-RS.

Pertencer ao Sindicato é motivo de orgulho para todos os associados. Significa lutar solidariamente por uma vida melhor de todos os agricultores e agricultoras envolvidos nesta nobre profissão: a de produzir alimentos saudáveis para a população brasileira.

Dalcim, Ignacio

p/Equipe de pesquisa

PRESIDENTES

Durante os 50 anos do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras tivemos ao todo 13 pessoas ocupando a presidência: 11 deles foram eleitos em Assembleias Gerais dos associados e 2 ocuparam o cargo em mandatos temporários como substitutos. Conforme os Estatutos do Sindicato, cada presidente é eleito para um mandato de três anos, no entanto, tivemos dois dos presidentes que, reeleitos, permaneceram no cargo por 9 anos consecutivos: Moacir Costa e Luiz Lazzarotto.

1. Angelo Miguel Catapan – 1966 a 1971
2. Paulino Barbiero – 1972 a 1974
3. Moacir Costa (+) – 1975 a 1983
4. Arnildo Perinotto – 1984 a 1986
5. Rogério Guadagnin (+) – 1987 a 1992
6. (Nelson Barbieri - 1990 e Ari Benedetti – 1991).
7. Ari Benedetti – 1993 a 1998
8. (Luidi tessaro – 1997 a 1998).
9. Valdir Zanin – 1999 a 2001
10. (Afrânio Dalcin 9/2000 a 10/2001)
11. Luiz Lazzarotto – 11/2001 a 11/2010
12. Alcenir Concolatto – 2011 a 2013
13. Nelson Barbieri – 2014 a 2016.

Infelizmente não conseguimos fotografias dos membros de cada diretoria em conjunto, apenas conseguimos a fotografia individual de cada presidente.

AS ORIGENS DO SINDICATO E DA COOPIBI

A criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) aconteceu num período de incertezas e receios para o povo brasileiro. Dois anos antes tinha acontecido a tomada do poder político pelos militares e estava em curso aquilo que haveria de se caracterizar como o “Golpe de 1964”². A também chamada “Revolução de 1964”, iniciada oficialmente no dia 31 de março, com ares de salvadora da pátria e pontual, isto é, emergencial, haveria de se tornar um “pesadelo de 1º de abril”.

Naqueles tempos, a Frente Agrária Gaúcha (FAG)³, tinha criado um ambiente bastante favorável para que acontecessem expressivas mudanças no campo, especialmente em nosso Estado. No entanto, com a tomada do poder pelos militares, vimos que as belas promessas do então Estatuto da Terra, com perspectivas de fazer acontecer a Reforma Agrária, permaneceriam letra morta.

No entanto as sementes da FAG começaram a produzir frutos pelo interior do Rio Grande do Sul, com a criação de diversos Sindicatos de Trabalhadores Rurais. Aqui em Ibiraiaras os agricultores, incentivados pelo então pároco, Pe. Frei Elói Rossetti, começaram a se mobilizar em busca de melhores condições de plantio e comercialização de seus produtos. Assim, no ano de 1963, um pequeno grupo decide entrar em contato com a direção da Cooperativa Santa Clara de Carlos Barbosa, a fim de tratar da possibilidade de abrirem uma filial aqui em Ibiraiaras. Os fomentadores de tal ideia foram algumas pessoas oriundas de Carlos Barbosa, notadamente Atílio Dalcim, Arthemio Zanette, Carlos Zanette e Pedro Zanette, que já entregavam parte de sua pro-

² Depois da renúncia de Jânio Quadros (25.08.1961), representantes de setores civis e militares do Brasil acreditavam que a volta de Goulart para assumir o poder resultaria na brecha para que houvesse uma revolução comunista em solo brasileiro. A solução para esse impasse foi dada pelo Congresso Nacional, ao transformar o regime presidencialista em parlamentarista. Com o regime parlamentarista, Goulart ficou com força política restrita, mas acabou sendo empossado presidente em 07 de setembro de 1961. Em 1963, ocorreu a volta ao regime presidencialista por meio de um plebiscito que indagava os cidadãos a respeito do “sim” ou do “não” ao regime em voga. Cerca de 9,5 milhões, de quase 12,5 milhões de pessoas que votaram, disseram não, e Goulart voltou a ter o poder centralizado no Executivo. O governo de João Goulart procurou promover um plano trienal para combater a inflação e acelerar o crescimento econômico. Entretanto, o governo enfrentava também outros problemas, como as ondas de greves e as insubordinações militares. Além disso, houve a tentativa de promoção das Reformas de Base, como a Reforma Agrária, tentativa essa que atraiu a atenção das camadas revolucionárias da esquerda, que viam nas reformas a possibilidade de radicalização. Atraiu também a atenção de militares e civis conservadores que se colocavam veementemente contra. Os MCS daquela época nas mãos das forças conservadoras do país, (semelhante aos nossos dias) criaram o ambiente necessário para que as massas saíssem às ruas defendendo lemas como Marcha da Família com Deus pela Liberdade. No dia 31 de março de 1964 os militares assumem permanecendo no poder não por breve tempo como se anunciava, mas, por longos 24 anos de ditadura militar.

³ Movimento social criado pela Igreja Católica do Rio Grande do Sul com o objetivo de orientar os agricultores e engajá-los no movimento camponês. As principais formas de ação junto aos agricultores resumiam-se na ação sindical e na conscientização de seus direitos através de Institutos de Educação Rural e Escolas de Educação Familiar.

dução àquela cooperativa. A propósito, transcrevemos a seguir o depoimento de Angelo Catapan:⁴

“Eu fui para Carlos Barbosa mais pelo desejo de dirigir o Jeep de meu pai (Vitorino Catapan). Éramos em quatro pessoas: Carlos Zanette, Sebino Rigo, meu pai e eu. A intenção do grupo era ver da possibilidade de a Cooperativa Santa Clara de Carlos Barbosa, abrir uma filial aqui em Ibiraiaras. Porém, depois de termos sido gentilmente acolhidos na Cooperativa Santa Clara, seu presidente Antônio Guerra logo foi tratando de nos convencer da necessidade de se fundar uma nova Cooperativa, dirigida por gente daqui. Dizia ele: -“Vocês têm condições, sim, não tenham medo, não é tão complicado assim. Compreendo, vocês moram no interior, têm os seus trabalhos, mas vocês têm que entregar este trabalho para os jovens. Onde está o rapaz que veio com vocês?”.

Eu era um piazzote de vinte e poucos anos e já estava dentro do “jipinho” do papai. Então ele mandou me chamar” e foi taxativo: -“Esse rapaz vai ajudar na criação da cooperativa de vocês. Com certeza ele vai dar conta do recado. Para estas coisas é bom que se tenha gente jovem, basta que tenham o apoio e a assistência dos mais velhos”.

Confesso que naquele tempo eu não entendia de nada sobre cooperativismo e até me mostrei pouco interessado. Porém, ao longo do meio-dia em que estivemos conversando com o seu Antônio Guerra, fomos criando coragem. E assim, diante das vantagens de se ter uma cooperativa agrícola própria, chegamos à conclusão de que não nos restava outra alternativa. Depois de entrarmos em contato com os diversos setores de atendimento da Cooperativa Santa Clara daquela época, nos despedimos com a promessa de que nos empenharíamos ao máximo, a fim de que nossa Cooperativa Agrícola fosse criada o quanto antes.

Chegando em Ibiraiaras começamos a espalhar essa ideia entre os agricultores. Graças ao apoio e o incentivo do pároco, Pe. Frei Elói, que era fã destas organizações, fizemos algumas reuniões nas capelas expondo aos agricultores sobre as vantagens de se ter uma Cooperativa Agrícola aqui em Ibiraiaras e, ao mesmo tempo, colocá-los a par de tudo o que se fazia necessário para que este sonho se tornasse realidade. Mas eu nem pensava em me tornar presidente. Eu achava no máximo que meu pai poderia ser o presidente. Mas meu pai teve um câncer na cabeça e veio a falecer no dia 18 de março, sendo que a Cooperativa foi oficialmente inaugurada no dia 9 de maio de 1964. Me lembro que quando se pensou em formar a primeira Dire-

⁴ A Entrevista aconteceu na residência de Angelo Catapan, das 17 às 20 horas do dia 31 de março de 2016. Depois tivemos outros encontros num dos quais seu Angelo me relatou: *“Sabia que pouco tempo depois do falecimento de teu pai (Attilio Dalcin +04.06.2014), tua irmã (Ilse) veio me trazer a bengala que teu pai tinha me prometido? Mas por enquanto não preciso”*, completou.

toria diziam: “O Angelo vai ser o nosso presidente”. E como perceberam que eu não estava entusiasmado com essa ideia, alguém apelou: - “Mas assume como homenagem ao teu pai!” Aí tive que assumir.

E assim foi formada a 1ª. Diretoria: Eu de presidente, mas morando no interior; o Dionísio Luchese, que morava aqui na cidade, como gerente e o Sady Sgarbossa como secretário.

Primeiro tivemos que encaminhar a documentação e em seguida tratamos de construir, em mutirão, uma sede própria com a colaboração espontânea e indispensável de todos. A primeira casinha ainda está por aí nas dependências da COOPIBI. Organizamos uma escala de trabalho em pequenos grupos, cada grupo contribuía com alguns dias de serviço, geralmente uma semana. Um dos grandes colaboradores desta empreitada, foi o Carlos Zanette, que certamente tem alguma coisa interessante para contar sobre isso.⁵ Finalmente, no dia 9 de maio de 1964, foi inaugurada oficialmente nossa cooperativa.



Foto de Eni Maria Guadagnin in Ibiraiaras sua terra e sua gente, p. 136

⁵ Em entrevista realizada com Carlos Zanette, na tarde do dia 2 de setembro deste ano, perguntamos sobre o que lhe marcava a memória daqueles tempos? Ao que ele respondeu prontamente: “O que mais me lembro é que fui prã cadeta”. Mas com foi que isso aconteceu? - “Numa dessas manhãs, enquanto me dirigia de bicicleta para Ibiraiaras, a fim de cumprir minha escala de trabalho na construção da sede da Cooperativa, fui barrado na estrada na altura do Gentil Luchese, pelo Zeferino Canevese, dono do terreno ao lado, que saindo da camionete, ameaçou me bater com uma mangueira. Acontece que dias antes, a Prefeitura tinha endireitado a estrada, que até então acompanhava a curva do riozinho, e ele resolveu trancar a estrada com uma cerca. De noite alguém a desmanchou, saber lá quem, eu não tinha nada a ver aquilo. De certo ele pensou que tinha sido eu ... Depois de ele me bater com uma mangueira, quando ele levantou o braço para me bater novamente, puxei de um 22 que tinha no bolso, e apontei no peito dele... Aí ele sentou para trás e foi me acusar perante o sub-prefeito daquela época, um tal de Bernardo, se não me engano, que deu razão prá ele. Então nos levaram para Lagoa Vermelha, onde quem nos atendeu não foi o delegado, mas um Comandante do Exército, pois era justamente no dia da Revolução... (31 de Março). O comandante, não se interessou pelo caso, mas nos enfiou juntos numa mesma peça por duas horas e depois nos liberaram” (risos).

Trabalhei como presidente até 1967, quando o Itacyr Mezzon assumiu como presidente, eu como vice e o Abramo Guidolin como secretário. O Dionísio, depois de umas “ratiadas”, deixou o cargo.⁶ Mais tarde voltei a assumir a presidência, substituindo o Itacyr Mezzon, em 1974. O restante desta história já é do conhecimento de todos”.⁷

Transcrevemos a seguir, parte da entrevista que tivemos com Itacyr Mezzon, em sua residência, em Lagoa Vermelha:

“A ideia de se criar a Cooperativa aqui em Ibiraiaras surgiu com o Carlos Zanette e com o Dalcim, teu pai, que eram de Carlos Barbosa, onde tinha a Cooperativa Santa Clara. O Angelo já deve ter falado sobre estas coisas. Eu entrei na direção da Cooperativa por força das circunstâncias.

Quando foi criada a Cooperativa o Angelo Catapan ficou como presidente e o Angelo Guidolin foi colocado como gerente, mas, de repente, ele desistiu. Se compreende: ele morava lá em São Sebastião e viu que não ia dar conta do recado. Daí o cargo foi entregue para o falecido Dionísio Luchese.

A gente até nem gosta de falar nessas coisas, sabe. Mas afinal, o fato é que o Angelo Catapan morava lá no interior e quem fazia os negócios era o Dionísio Luchese e, infelizmente, depois de algum tempo, a Cooperativa estava quebrada. O capital, que era bem pequeno, não dava para pagar 50% das dívidas. Então me chamaram. Sabe, eu negociava, comprava milho, vendia e tal. . . até vou te contar uma coisa engraçada. Certo dia, numa entrevista que fizeram com o Abramo Guidolin, perguntado sobre o novo administrador da Cooperativa ele disse: -“Pois é, agora nós pegamos um picareta!” (risos). Provavelmente queria dizer que eu tinha prática nos negócios.

Mas só que a dívida estava com os próprios colonos, parte deles que tinham entregue o trigo e não tinham recebido o pagamento. Naquele tempo, depois da Missa do domingo de manhã a gente se reunia para conversar. E então todo mundo formava uma roda ao meu redor perguntando quando é que receberiam o pagamento. Algumas mulheres chegavam chorando, suplicando que desse um jeito de recuperar o dinheiro. Então trabalhamos que nem doidos. Depois de um baque desses não é fácil de recuperar o crédito dos colonos. Mas o pessoal foi compreensivo e em pouco tempo colocamos as contas em dia ...

Em 1967 houve novas eleições e eu fui escolhido como presidente e o Angelo Catapan como vice. Ele era também presidente do Sindicato, cujas reuniões aconteciam na Cooperativa mesmo, mas ele morava lá fora. Na realidade

⁶ Na entrevista que tivemos com Itacyr Mezzon, em sua casa, em Lagoa Vermelha, no dia 2.9.2016, ele disse: “Tive que assumir como interino e acabei ficando no cargo por 9 anos.”

⁷ Segundo depoimento de Sergio Baldasso atualmente a COOPIBI tem 1100 a 1200 associados efetivos, sendo uns 3.300 agricultores fizeram algum negócio com a Cooperativa.

eu trabalhava como gerente, por isso convidei ele para vir morar na cidade e assim trabalharmos juntos. Afinal a Cooperativa foi crescendo, conquistando espaço e cada vez mais respeitada. Acabei trabalhando na Cooperativa por 9 anos, até 1974, quando o Angelo Catapan me substituiu”.

É interessante se notar que a história da Cooperativa e a história do Sindicato caminharam juntas, muitas vezes elas se misturam, tendo a mesma pessoa como presidente. E não poderia ser de outra forma, afinal de contas os construtores da história destas duas organizações são sempre nossos bravos agricultores. Ao longo desta história perceberemos que as lutas pela criação da Cooperativa e pela organização do Sindicato correram paralelas no tempo e foram irmãos nas dificuldades.



De pé: Abramo Guidolin, Alcides Barbiero, Severino Baldasso, Sestilho Deitos, João Segala, Itacir Provenzi, Restil Luchese, Itacyr Mezzon, Alcides Zanchet(?), Arlindo Liston, Santo Bedin, Angelo Dalmolin, José Dallagiacomassa, Ermindo Bedin, Avelino Perinotto(?), Atílio G. Dalcin, Gresemiro Cechin(?) e Arminio Lazzarotto. Agachados: Ermindo Pasin, Angelo Catapan, Carlos Zanette, Argentino Perinotto, José Spada, Nelci Pieta e Sady Sgarbossa. (Foto de parte dos Fundadores por ocasião dos 25 anos da COOPIBI)

O nascimento da COOPIBI e do Sindicato, foram quase simultâneos. Caminharam junto no tempo e no espaço. Mas antes de passarmos a relatar a história do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras, precisamos lembrar que muito se deve às lideranças da Igreja Católica daquele tempo. Pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, de que a Igreja Católica está na gênese da organização dos pequenos agricultores do Rio Grande do Sul.

Em atenção ao pedido do papa João XXIII, expresso na encíclica *Mater et Magistra*, no início da década de sessenta, a Igreja Católica fundou a Frente Agrária Gaúcha, que tinha por objetivo estudar a questão agrária, for-

mar líderes rurais e incentivar a formação de sindicatos e cooperativas rurais. Muitos, com certeza, ainda se lembram do programa da Frente Agrária Gaúcha, transmitido pela Rádio Difusora de Porto Alegre. Em muitas casas de agricultores, de manhã cedo, o programa da Frente Agrária Gaúcha, sob a direção do saudoso Irmão Miguel, era sagrado.

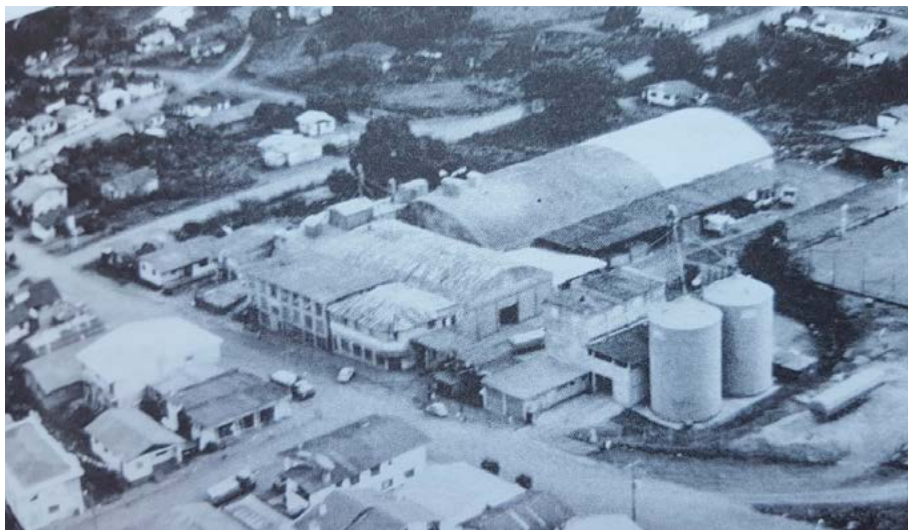


Foto de Eni Maria Guadagnin in Ibiraiaras sua terra e sua gente, p. 136.

Na entrevista que tivemos com Angelo Capan, tivemos também um depoimento interessante sobre a criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras:

“O sindicato surgiu logo após a fundação da cooperativa e da emancipação, guiados pela mesma pessoa, o Pe.Frei Elói Rossetti. Foi ele quem lançou a ideia para se criar o sindicato e assim organizar a classe trabalhadora dos agricultores. Naquela época a maioria dos agricultores não tinha Identidade, CPF, modelo 15, nenhum direito.



Tudo começou de forma muito simples e humilde. O pároco, Frei Elói Rossetti, nos convenceu de procurarmos a ajuda dos Irmãos Maristas que naquele tempo comandavam a chamada Frente Agrária Gaúcha. Então eu fui até o seminário dos Irmãos Maristas⁸, em Viamão, fazer um curso de uma semana e, ao mesmo tempo, para pedir ao reitor que nos enviasse alguém para nos auxiliar:

⁸Seminário Nossa Senhora Medianeira de Viamão, parada 51, Viamão.



Placa comemorativa às Bodas de Prata com o nome de 65 sócios fundadores da COOPIBI⁹

Tempo depois, chegou em Ibiraiaras o Irmão João Raimundo Werner. Lembro-me muito bem. Era um dia de inverno, nublado e muito frio. Ele era uma pessoa muito simples, passando a impressão daquele tipo ingênuo. Chegou lá em casa e começamos a conversar, a conversar e o tempo foi passando e a noite chegou. Falei então para irmos para o Hotel, mas ele disse: “Não, não, para mim serve qualquer cantinho. Não vamos gastar com hotel”. Nossa casa não era muito grande e tínhamos já cinco filhos, mas, afinal, não teve outro jeito, jantamos juntos e o Irmão João ficou com a gente.

Com a chegada do Irmão João Raimundo Werner, vindo de Bom Princípio, se iniciou os planejamentos para começarmos a montar o sindicato. Havia muita desconfiança e rejeição, pois, algumas pessoas influentes de Ibiraiaras espalharam a ideia de que era coisa ruim. O irmão João Raimundo era bastante jovem e no início os agricultores não acreditavam muito nele, ficavam com dívidas ... e quando falava de Reforma Agrária, tinha gente com medo de perder as próprias terras.

⁹Segundo Sady Sgarbossa, apenas 45 pessoas deram início a organização da cooperativa, porém, os 65 nomes que constam nesta placa, são oficialmente sócios fundadores da COOPIBI (e tz mais alguns).

Nos tempos do regime militar pairava no ar um clima de suspeita a respeito de tudo o que envolvia reuniões e agrupamento de pessoas, e, de fato, muitos tinham medo de serem presos. Os agricultores que puxavam a frente eram taxados de terroristas. Até então, quatro ou cinco famílias aqui de Ibiraiaras, bem conhecidas de todos, ditavam o preço tanto para a compra dos produtos agrícolas, como para os produtos do comércio em geral. Mas isso não é nenhuma novidade, a maioria ainda se lembra como é que era naqueles tempos.¹⁰ Sabe, algumas lideranças daquele tempo, queriam comandar todas as classes, espalhavam ideias absurdas: diziam que essas organizações eram coisa de comunista. Na verdade, existiam outros interesses em jogo.

Lembro-me de que, num certo dia, no antigo Hotel Zandoná (o Casarão), fui levado pelo então Interventor municipal¹¹ e mais três pessoas influentes de Ibiraiaras¹², para uma sala a parte onde tentaram me convencer a desistir dos trabalhos relacionados a continuidade da Cooperativa e da organização do Sindicato. Me senti pressionado, “encurralado” ... Percebendo que não estavam conseguindo me fazer desistir da ideia, um deles me ameaçou, dizendo: “Você ainda vai apodrecer no fundo de uma cadeia!”. Felizmente, com o incentivo do frei Elói e o aceno aos benefícios de se ter um Sindicato, como o aceno a aposentadoria rural, as barreiras foram sendo rompidas e os agricultores passaram a acreditar no sindicato.

Sei que outras pessoas também sofreram ameaças¹³, mas se compreende: a Cooperativa e o Sindicato representavam uma ameaça real ao monopólio da comercialização em nosso município que até então estava nas mãos de pouca gente.

As dificuldades eram muitas. Quando se falava da necessidade de se ter documentação – naquele tempo a maioria não tinha Carteira de Identidade e muito menos CPF – e pedíamos que trouxessem as Escrituras de seus imóveis a fim de iniciarmos o trabalho, alguns ficavam receosos e desconfiados. Teve gente que, com medo de que com isso, no futuro, o governo fosse lhes tirar a terra (para a Reforma Agrária), esconderam uma das duas ou mais Escrituras que possuíam. E isso tem gerado muita complicação mais adiante. Como tempo, através das reuniões que fomos fazendo nas Capelas do interior, o irmão João Werner, com a esperteza de um pescador experiente, foi mostrando as inúmeras vantagens de os agricultores se organizarem, até

¹⁰ Em tom de brincadeira, lembramos o personagem central de uma telenovela recente intitulada “Velho Chico”, o coronel saruê.

¹¹ João Stella.

¹² Eurico Mesquita Machado, Constante Fabris...

¹³ Lembro que meu pai, Atílio Germano Dalcim, foi chamado a prestar esclarecimentos sobre a organização sindical perante o então Escrivão de Ibiraiaras, Enrico Mesquita Machado, também conhecido por Machadinho. Seu Machadinho tentou convencer seu Atílio de que isso era coisa de comunista e de que o governo militar estava de olho. Provavelmente seu Machadinho era do DOPS (?).

que começaram a morder a isca. A possibilidade de se ter vantagens não só na comercialização dos produtos com melhores preços, mas também na obtenção de auxílio na saúde, eletrificação rural, etc - foram despertando o interesse da maioria dos agricultores. Lembro-me de que, entre outras coisas o Irmão João dizia: “Minha gente, vocês estão atrasados. Na nossa região temos luz até nos chiqueiros e vocês ainda estão no escuro!”

E então, quando se falava de auxílio na saúde e de aposentadoria a maioria não acreditava. Nas reuniões sempre tinha alguém que levantava e perguntava: “Mas quem é você para dizer estas coisas? Quem nos garante que isso vai se cumprir?” Outros desafiavam: “Será que alguém de nós ainda vai ver este sonho se tornar realidade? Será muuuito difícil!” Mal podemos imaginar a alegria desta gente, quando as primeiras aposentadorias chegaram. Foi aquela festa! Mas isso foi lá, bem mais tarde.

Finalmente, no dia 10 de dezembro de 1966, no segundo piso do velho Salão Paroquial de Madeira, conseguimos reunir 284 pessoas para a solenidade de fundação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras. Essa foi, em poucas palavras, a trajetória da criação do nosso Sindicato, do qual, por força das circunstâncias, fui, também, o primeiro presidente.

Posso dizer que fui uma pessoa de muita sorte, um felizardo, sempre tive gente disposta a nos ajudar. Assim, pude contar com a colaboração de gente de fibra como o Américo Gelain, que cativava os agricultores com uma conversa simples e corajosa, falava do jeito deles. Ele era lá de São José do Ouro. Também nos ajudou muito um tal de Danilo Vedana, que por sinal, nunca mais tenho tido notícias dele.

Inicialmente nossos trabalhos se concentraram na obtenção de documentos, depois conseguimos as primeiras linhas de eletrificação rural¹⁴ e até a Reforma Agrária passou a ser bem vista.

Nos primeiros anos a gente acumulava as duas funções: presidente da Cooperativa e do Sindicato. Por isso mesmo, as reuniões do Sindicato aconteciam aqui na Cooperativa mesmo. Mais tarde, através do frei Elói recebemos uma sala lá nos fundos do Hospital São José. O frei Elói vivia dizendo: “Nós vamos doar o hospital para o Sindicato. Eu ainda vou convencer a Província para fazermos esta doação”. Mas a gente nem acreditava, pensávamos que estivesse brincando. E de fato isso se concretizou em 1971. Quando nos foi entregue o hospital só pagamos pela farmácia, cerca de CR70.000,00, no

¹⁴ A primeira linha de Eletrificação Rural foi a de Santa Terezinha. Depois se seguiram as de Bom Jesus, Rosário, Navegantes... Naquele tempo se trabalhava tudo junto: o sindicato organizava os agricultores, o Banco do Brasil financiava, a Cooperativa vendia o material, a CEEE fazia a instalação da rede e ainda contávamos com o apoio da Prefeitura que se fazia sempre presente nos momentos decisivos através do prefeito Ildarci Rech.

dinheiro daquela época. E saber que o convênio que fizemos depois, com o hospital, foi o segundo convênio assinado pelo FUNRURAL do Rio Grande do Sul. Para aqueles tempos foi uma grande conquista, antes disso os agricultores não tinham direito a qualquer assistência na saúde.

Posteriormente nosso sindicato se filiou a FETAG, para garantir mais ajuda e recurso de pessoal para mobilizar a classe. A federação ajudou muito com panfletos, palestras, encontros e, sobretudo, com as chamadas “Semanas Ruralistas”.

Depois que nos foi entregue o hospital¹⁵, surgiram outros problemas muito complicados. Me lembro também que houve muita oposição e enfrentamos muitas dificuldades. Sabe, passamos a dar desconto para os associados que estavam em dia com suas obrigações e daí os adversários do Sindicato e da Cooperativa lançavam críticas, provocando intrigas. O Dr. Alípio vivia criando dificuldades. E a gente não tinha muito tempo. Felizmente as Irmãs de São José nos deram uma mão muito grande no apaziguamento dos ânimos. Sobretudo depois de 1974, quando voltei a assumir a Cooperativa. Então contratamos o Plínio Bolsoni, que assumiu a administração burocrática do hospital. Grande parte das confusões e intrigas se davam por opositores ao Frei Elói. Não gostavam dele porque ele era fã destas organizações que contrariavam, como já disse, os seus interesses. Houve perseguições ferrenhas, você nem imagina! Mas, felizmente, tudo isso passou e o Sindicato e a Cooperativa estão aí”.

¹⁵O hospital foi construído com a colaboração especial dos agricultores que doavam produtos agrícolas, porcos, ovelhas, terneiros... colaboraram com rifa e de todo jeito. Por isso, a Sociedade Literária São Boaventura, dos freis capuchinhos, achou justo deixar o hospital para o Sindicato, porém, na condição de que no momento em que lhe for dado outro destino, volte para a Sociedade São Boaventura, que decidirá o que será feito.

1º. – o Edital de convocação para a Assembleia Geral de fundação teve a assinatura de Abramo Guidolin, Angelo Catapan e Carlos Zanette;

2º. – que o Evento da Fundação do Sindicato, presidido pelo Irmão João Raimundo Werner aconteceu no salão paroquial, no dia 10.12.1966;

3º. – que a primeira Diretoria do Sindicato, foi assim composta¹⁸:

Angelo Miguel Catapan – presidente

Angelo Avelino Segala – secretário (que ficou por pouco tempo)¹⁹

Abramo Guidolin – tesoureiro

Atílio Germano Dalcin, Luiz Arioli e Névio Benincá – conselho fiscal

E ainda, como suplentes de Diretoria: Angelo Guidolin, Hélio Cirino Rodrigues e, como suplentes do Conselho Fiscal: João Slaviero, Alcides Zancheta, Ernesto Salvalagio e Lurdino De Itoz.

Infelizmente não conseguimos nenhuma fotografia para testemunhar a solenidade de Fundação do Sindicato. Naquela época não existiam as facilidades de hoje.

Digno de nota é também o Livro de Registro da Presença dos associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras às Assembleias Gerais ordinárias ou extraordinárias.

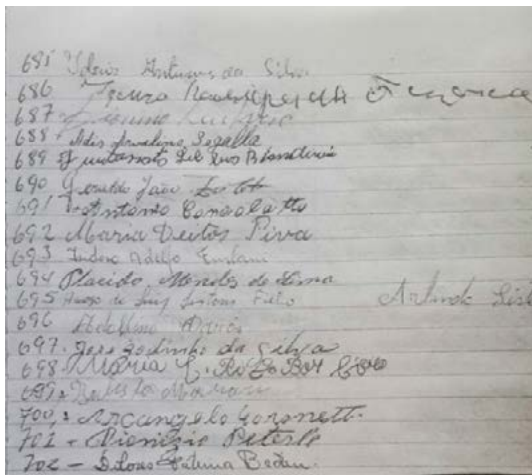
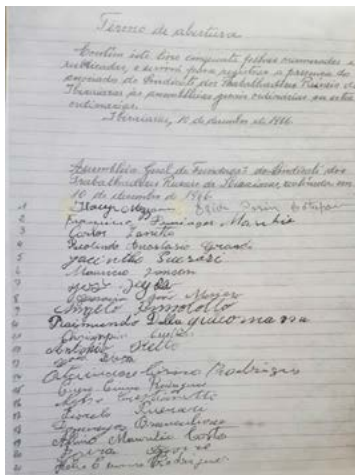
Nas primeiras páginas temos as assinaturas de 702 associados (alguns assinaram ao lado de outras assinaturas). Com certeza, muitos destas assinaturas foram colhidas posteriormente à realização da Assembleia Geral de Fundação. Segundo testemunho de Angelo Catapan, Sady Sgarbossa, Carlos Zanette, Itacyr Mezzon e outros, que estavam presentes no Ato de Fundação do Sindicato, 284 agricultores marcaram presença naquela solenidade, o que já era um número bastante expressivo.²⁰

¹⁸ Copiamos os nomes de acordo com o registro da Ata do secretário Angelo Avelino Segala. Cargo assumido depois pelo Sady Sgarbossa.

¹⁹ “O Avelino Segalla foi meu professor. Era daqueles que mandavam os pais plantarem marmelo para fazer varas...e ele usava mesmo, mas fez bem. Na realidade ele fora eleito vice, mas logo desistiu argumentando que não concordava com essas ideias novas que estávamos difundindo por aí. Ele era esquisito. Sempre contra a Eletrificação Rural e nunca descobri porquê.. No dia da inauguração da linha nas Capelas de Bom Jesus, do Rosário e do Caravágio, ele não compareceu. Foi sempre polêmico, do contra. Não sei porquê.” (Angelo Catapan, por ocasião da entrevista acima citada).

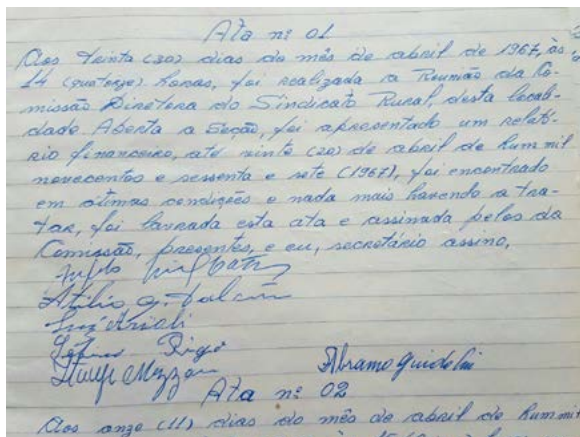
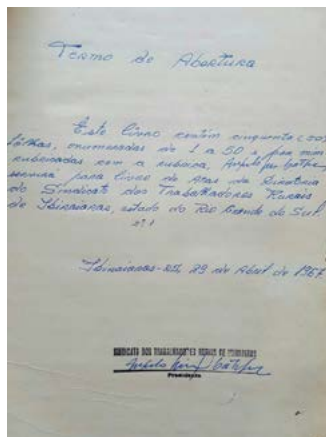
²⁰ A participação de associados nas Assembleias Gerais do Sindicato oscilou ao longo do tempo: muito boa nos primeiros anos, decaindo significativamente no final da década de 70 e início da década de 80, sendo na Assembleia do dia 30.05.82, cfr. Ata 40, só 30 associados se fizeram presentes. Essa participação cresceu a partir do final da década de 80, atingindo um maior número depois do ano 2.000.

Abaixo reproduzimos a primeira e última páginas do Registro das assinaturas. Algumas mulheres também deixaram suas assinaturas, como Egide Pasin Catapan - mãe do primeiro presidente – na primeira linha e Dolores Fátima Bedin, a última das assinaturas. Diversos jovens também deixaram suas assinaturas registradas no livro:



Além deste e outros livros de registro das assinaturas dos agricultores presentes nas Assembleias Gerais do Sindicato, existe um outro livro de Atas das Assembleias Gerais de número 02, mas que copia todas as 13 primeiras Atas do livro de número 01 e as demais que se seguiram, tendo como única variante as assinaturas, como podemos conferir abaixo:

O primeiro livro de registro das Reuniões de Diretoria, datado de Abril de 1967, vemos outras assinaturas, como podemos conferir abaixo:



Ata → 1 2

ATA Nº 1

Aos dez (10) dias do mês de dezembro de mil
 novecentos e sessenta e seis (1966) nesta cidade de
 Ibiracaras, Estado do Rio Grande do Sul, no salão da
 Comunidade Paroquial, Reuniram-se os trabalhadores rurais
 para resolverem sobre a fundação e legalização do
 respectivo Sindicato e demais assuntos constantes do
 Edital de Convocação. Havendo número legal foi aclamado
 para presidir a sessão o R. Sr. João Raimundo
 Werner que, ao assumir convidou para secretário
 o Sr. Angelo Arnelino Segala. Iniciada a sessão determinou
 o Sr. Presidente ao Sr. Secretário que procedesse à leitura do
 Edital de Convocação, concebido nos seguintes termos:
 Edital de Convocação Para a Reunião de Fundação do
 Sindicato dos Trabalhadores Rurais e para aprovar
 o pedido de investidura sindical. Convocação de
 Reunião. Por este intermédio são convidados todos os
 agricultores, residentes neste município, a comparecerem
 à reunião que se realizará no próximo de dez (10)
 de dezembro de mil novecentos e sessenta e seis (1966)

se decidirem pela fundação do Sindicato da classe e
 após agradecer a hora de sua indicação para diri-
 gir os trabalhos, declarou encerrados, digo, encerrada a
 sessão. Do que eu Angelo Arnelino Segala, secretário
 designado, lavrei a presente ata. (ass.) Angelo Arnelino Segala
 Catapan. + Sady João Sgarbossa. Angelo Arnelino Segala

ATA nº 02

Aos dez (10) dias do mês de maio de mil novecentos

A Ata de fundação consta de três páginas e meia... aqui só registramos a 1ª. e última:

Estes registros são importantes para a História do Sindicato, assim como o testemunho daquelas pessoas que estiveram à frente de sua organização e formação de nosso Sindicato, como é o caso de Sady João Sgarbossa:²¹

²¹ A entrevista com Sady Sgarbossa, aconteceu em sua residência, no dia 19 de agosto de 2016, das 13,30 às 16 horas.

“Tive a honra de estar presente desde o início das tratativas de se fundar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras. Participei das reuniões preparatórias nas Capelas e estive presente na Solenidade de fundação no dia 10 de dezembro de 1966, no segundo piso do antigo salão paroquial de madeira.



Algumas das primeiras reuniões da Diretoria de nosso Sindicato aconteceram na Cooperativa, depois, o Frei Elói nos cedeu uma sala nos fundos do Hospital São José. Quando foi comprado o terreno de Atílio Dalcin, em frente à Cooperativa, para se construir a sede do Sindicato, Sergio Zanette e eu²² ajudamos na terraplanagem. Lembro-me que transportávamos os tijolos com um trator CBT que era de minha propriedade. O Construtor foi seu Armando Roncatto e nós dois seus ajudantes²³.



Antes de prosseguir com a narrativa sobre o Sindicato eu gostaria de fazer uma homenagem ao Pe. Frei Elói Rossetti, que trabalhou aqui em Ibiraiaras durante 17 anos. Graças ao Frei Elói, que era um padre de espírito renovado, aberto e progressista, muitas coisas boas aconteceram entre nós. Me lembro dele como incentivador dos Grupos de Jovens, dos muitos Grupos de Reflexão em Família. Foi no seu tempo que tivemos os primeiros Cursos de Noivos, os primeiros Ministros da Distribuição da Eucaristia, etc. Seu trabalho não se limitou aos assuntos da Igreja, mas também se preocupou com o bem-estar da comunidade como um todo.

Muitas de nossas conquistas receberam o seu incentivo e apoio. Foi no seu tempo que tivemos a criação da COOPIBI (1964), nossa Emancipação Política (1965), a fundação do Sindicato (1966), a construção do Hospital Beneficente São José e a construção da nova Igreja Matriz. Frei Elói é uma pessoa benemérita para Ibiraiaras, no entanto, me admiro que até agora nin-

²² Depoimento de Sady Sagabossa, por ocasião da entrevista citada acima.

²³ Cfr. Ata n. 35, Armando Roncatto foi contratado por CR10.000,00 e teve como ajudantes Guerino Daros e Antônio Francisco dos Santos, que receberam CR5.000,00 cada.

guém do setor público de Ibiraiaras, tenha se lembrado de lhe prestar uma devida homenagem, através do nome de alguma rua ou escola. Eu diria que a praça, que era de propriedade da Mitra Diocesana e que tem sido motivo de tanta controvérsia, deveria levar o seu nome.

Nós, associados do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras, devemos muito ao Pe. Frei Elói Rossetti. Foi ele que insistiu a fim de que procurássemos pelo Irmão marista João Raimundo Werner. Se não me engano, foi com o Jeep da paróquia que fomos até Bom Princípio convidá-lo para vir nos ajudar nas primeiras reuniões. Ele nos acompanhou até a criação e consolidação de nosso Sindicato. Quando os Padres Capuchinhos se desligaram do Hospital Beneficente São José, através do frei Elói recebemos a incumbência de administrá-lo, o que fizemos por diversos anos.

Neste período enfrentamos dificuldades de todo tipo, sobretudo a ingerência do Dr. Alípio que boicotava a presença de outros médicos. Com a intenção de oferecer um melhor e mais amplo serviço de saúde, construímos dois consultórios nos fundos do Hospital, na Rua São José do Carreiro, para que os médicos convidados pudessem exercer suas funções sem constrangimentos. O Dr. Alípio, que tinha muita ascendência sobre a população, fazia preço especial para suas consultas, deixando os demais em situação constrangedora. O Dr. Alípio, encomendava remédios em excesso para a Farmácia do Hospital, que estava sob os cuidados das Irmãs de São José²⁴. Os medicamentos venciam, tinham que ser queimados com o conseqüente prejuízo para o Hospital. Isso, só para citar um dos problemas que enfrentamos, sem citar outros como boataria que se espalhava a toda hora, de intrigas entre médicos e enfermeiras, etc.

Mais tarde, com a falta de pessoal qualificado e disponível para levar adiante tal compromisso, a Direção do Sindicato, que era a mesma do Hospital, entregou a administração do Hospital São José à Prefeitura Municipal²⁵. Contudo, existe uma cláusula no Contrato desta transação de que no dia em que a Prefeitura deixar, por qualquer motivo que seja, de manter o Hospital São José, este voltará para a Província São Boaventura dos Capuchinhos do Rio Grande do Sul, que terá liberdade de decidir pelo seu destino final.

Quanto aos primeiros passos do Sindicato, lembro-me de que escolhemos o Angelo Catapan como presidente, também porque ele tinha um tio ad-

²⁴ As **Irmãs de São José**, que após a saída das Irmãs Franciscanas (1963 a 1966), assumiram a direção e administração do Hospital Beneficente São José, foram parceiras muito importante do Sindicato. Aliás, "Ibiraiaras deve muito ao trabalho das Irmãs e Freis Capuchinhos que acompanharam e impulsionaram o seu crescimento na saúde, na educação, passo a passo, orientando a comunidade para a organização, a religiosidade e a cultura."

²⁵ O STR assumiu a direção e difícil administração do Hospital Beneficente São José por longos 15 anos (1971 a 1986).

vogado que residia em Porto Alegre e isto poderia ajudar, já que muitas reuniões e encontros de orientação aconteciam por lá. Seu Angelo era também o presidente da Cooperativa a pouco tempo fundada. Outra pessoa que muito nos ajudou na fundação do Sindicato, como já disse, foi o Ir. João Raimundo Werner, da Frente Agrária Gaúcha. Também o professor Avelino Segala, pai dos Freis Nadir e Aldino Segala, que tinha uma boa caligrafia, nos ajudou como primeiro secretário.

Por fim, quero parabenizar a atual Diretoria pela importante iniciativa de escrever um pouco da história dos 50 anos de nosso Sindicato. Com certeza o teu pai, seu Attilio, saudoso companheiro de quatrilho e canastra ... se estivesse vivo, ficaria feliz em saber que estás coordenando este trabalho. Ele era uma presença constante nas nossas reuniões da Cooperativa e do Sindicato. Se não me engano, o terreno onde está a atual sede do Sindicato era antes de sua propriedade e nos foi vendido.

Se for impresso algum livro, me avisa, quero ficar com um exemplar”.

Outro de nossos entrevistados foi Sergio Zanette. Sergio Zanette foi um dos que, dentre tantos outros, ajudou na terraplanagem e construção da atual sede do Sindicato, sem pagamento e também fez parte da terceira Diretoria do Sindicato.

Sergio Zanette é daquelas pessoas que não se contentam com o comum, mas está sempre em busca de qualidade. Foi assim com relação ao gado leiteiro – na década de oitenta esteve em Israel (1987), onde passou alguns dias no Kibutz Schefain e foi um dos primeiros da região a buscar qualidade através de inseminação artificial - e, depois, passou a se dedicar à pesquisa, aprimoramento, construção e multiplicação de sementes de batata²⁶.

A produção de sementes através do “Sistema Hidropônico”, parte do material básico, em torno de 15 a 18 mil mudinhas até chegar a produção de 20 mil sacas de semente para plantio. Sergio Zanette tornou-se respeitado entre os técnicos da EMBRAPA, com frequência é convidado a palestrar nas Faculdades de Agronomia e é hoje, o único produtor da região, que tem o certificado do RENASEM (registro nacional de sementes) junto ao Ministério da Agricultura.

²⁶ A produção no Sistema Hidropônico tem o auxílio de Luiz Zanette e a multiplicação das sementes de batata é feita em parceria com Nívio Lorenzetti.



Abaixo, as fotos ilustram duas fases iniciais da produção de batatas. As da caixinha - menores do que a ponta de um dedo - custam 1 real cada.





Aqui a fase posterior, multiplicação de sementes novas – livres de fungos





Provavelmente, a participação em reuniões do Sindicato e da Cooperativa contribuíram para que Sérgio Zanette despertasse para o estudo e o aprimoramento deste setor agrícola.

O cultivo da batata em Ibiraiaras, até o início da década de sessenta, era praticado em regime de subsistência por quase todas as famílias e a espécie mais comum era a dita “batatinha catarinense”. Foram as famílias de Carlos e Pedro Zanette, Arthemio Zanette e Atílio Dalcim os introdutores de novas técnicas de plantio com seleção de sementes, adubação química e tratamento folhar da planta. Foram os Zanette que trouxeram de Carlos Babosa a batata rosa, dita ‘baronesa’, que se adaptou muito bem às terras desta região.

Nos primeiros tempos era tudo mais difícil, “tudo na base do muque”, como se dizia: a terra era preparada com arado puxado por bois, o adubo, plantio e pulverização se fazia no braço, assim como a colheita em caixas de madeira até depositá-las no galpão, onde às vezes, dependendo da demora para sua comercialização, brotavam ou apodreciam. Ainda não existiam as máquinas de lavagem e seleção que temos hoje.

A produção em escala comercial, teve início a partir de meados da década de sessenta, com vendas para os mercados de Lagoa Vermelha, Passo Fundo e Vacaria, onde o então Batalhão Rodoviário era o maior e mais fiel consumidor. “Plantar batata” era quase ridículo, um desprestígio. Chique era produzir milho e trigo. Os irmãos Hilário e Sadi Dalcim, quando ingressaram no Colégio Agrícola Desidério Finamor de Lagoa Vermelha, logo receberam o apelido de “batata e batatinha”. Aos poucos a cultura da batata foi adquirindo status e, com o tempo, tornou-se o principal produto de cultivo da maioria das famílias, a tal ponto que Ibiraiaras é, ainda hoje, conhecida como a “Capital da Batata”.

HISTÓRICO DO TRABALHO LIDERADO PELAS DIRETORIAS AO LONGO DOS 50 ANOS

INTRODUÇÃO

Como se sabe, pelo Estatuto do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras, cada Diretoria é eleita por três anos. Neste relatório de realizações e conquistas, não adotamos uma divisão rigorosa por presidente ou mandato de cada Diretoria do Sindicato, mas dividimos por períodos, visto que algumas diretorias foram reeleitas por dois ou mais mandatos e, em certos casos, apenas foram substituídos alguns de seus membros.

A divisão por período segue predominantemente o tempo em que o presidente da diretoria ou a maioria dos seus membros permaneceram no comando por determinado tempo. Assim, por exemplo, a primeira Diretoria permaneceu no cargo por dois mandatos consecutivos e na terceira Diretoria tivemos o mesmo presidente e secretário juntos por 9 anos. Houve casos em que no espaço de três anos tivemos mais de um presidente.

Não podemos, também, afirmar que este ou aquele presidente foi mais importante. Cada Diretoria teve suas características e peculiaridades determinadas mais em função das exigências propostas pela conjuntura econômica e política do que por individualidades de seus membros. Percebemos que os momentos de maior crise do Sindicato, como por exemplo, daqueles em que baixava o número dos associados presentes nas Assembleias Ordinárias, correspondem aos momentos de dificuldades gerais da agricultura e da economia brasileira. Por outro lado, essas mesmas dificuldades e crises, motivaram novas fases de crescimento que levaram a uma maior participação dos associados no Sindicato.

1º. PERÍODO: 1966 a 1971 – 6 anos ***principais pontos de lutas e reivindicações***



Presidente: **Angelo Miguel Catapan**

Vice: Abramo Guidolin e, posteriormente, Sady João Sgarbossa

Secretario: Angelo Avelino Segala
(substituído por Abramo Guidolin)

Tesoureiro: Sady João Sgarbossa

Conselho Fiscal: Atílio Germano Dalcin, Luiz Arioli e Névio Benincá.

Suplentes: Alcides Zanchet, Lurdino De Itoz e Ernesto Salvalaggio.

A primeira diretoria esteve à frente do Sindicato por seis anos, desde a sua fundação, 10 de dezembro de 1966, até o ano de 1971. Nesse período aconteceram diversos cursos de formação e troca de experiência com outros sindicatos. Além do Irmão João Raimundo Werner, várias pessoas contribuíram neste sentido, como Danilo Vedana e Américo Gelain, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São José do Ouro e outros.

Dentre as principais atividades e conquistas elencamos as seguintes:

- **Estatutos Sociais:** estudo, debate, elaboração e aprovação. Este trata dos direitos e deveres, bem como da contribuição de cada associado com o Sindicato²⁷;

- **Documentação:** o Sindicato contribuiu muito no encaminhamento e obtenção de documentos como Carteira de Identidade e CPF, já que muitos ainda não o possuíam e se fazia necessário para abertura de conta em bancos, para financiamentos e empréstimos;

- **Aposentadoria:** já nesta época se iniciou a luta para que fosse aprovada pelo Governo Federal a aposentadoria para os agricultores, assim como já tinham os trabalhadores da cidade. Foi uma luta difícil e longa. Se discutia temas como idade, valor da aposentadoria e para quem da família. No início da década de setenta, com a criação do FUNRURAL, foi instituída a aposentado-

²⁷ O Ministério do Trabalho e Previdência Social outorgou a “Carta Sindical” ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibraiarias, através do documento número 168.137/67, assinado pelo então Ministro do Trabalho e Previdência Social.

ria somente para os homens com mais de 65 anos de idade, recebendo apenas metade do salário;

- **Filiação à FETAG** (Federação Estadual dos Trabalhadores na Agricultura): criada entre os anos de 1963 a 1965. Através da FETAG o Sindicato conseguia orientação e ajuda de pessoal qualificado para palestras, seminários e cursos de formação aos associados.²⁸

- **Telefonia e Energia Elétrica:** este foi um dos desafios lançados pelo Irmão João Werner e que motivou bastante os agricultores. A primeira linha elétrica foi a de Santa Terezinha, depois às de Bom Jesus, Rosário e Caravágio, hoje município de Caseiros.

- **Hospital Beneficente São José:** “a partir do dia 01 de janeiro de 1971, a Sociedade Literária São Boaventura, por meio do Frei Elói, decidiu doar o hospital e três lotes para a comunidade de Ibiraiaras²⁹, representada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o qual passou a administrá-lo, contando com a colaboração das Irmãs de São José”, que residiam no hospital³⁰. Compromisso esse assumido interinamente pela Diretoria do ano seguinte;

- **Reforma Agrária:** diante das mobilizações em prol da redistribuição da terra no país, no início do Governo Militar, foi implementado o “Estatuto da Terra” Lei 4504/64 | Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, onde se introduziu mudanças profundas no modo como o direito tratava a relação do homem com a terra, ao condicionar a apropriação individual da terra ao cumprimento de sua função social. Porém, o Estatuto da Terra, funcionou mais como mecanismo de controle das tensões sociais e manteve-se o modelo capitalista do patronato rural. Os camponeses e Sindicatos rurais organizados, exigiam uma democratização do acesso à terra, e pressionavam o governo central. Entidades Estudantis, Sindicatos e organizações da Igreja Católica, enfrentaram o regime apoiando a pauta da Reforma Agrária e sofreram forte repressão.

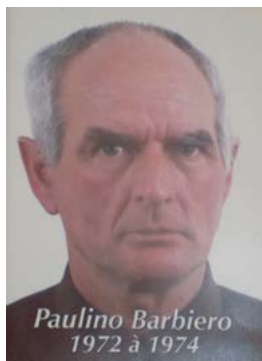
²⁸ Recomendamos a leitura da história da FETAG, colocada como anexo 01, no final deste livro.

²⁹ O Ofício da doação do Sindicato pela Sociedade Boaventura, cfr. Ata de n 09, aconteceu ainda no dia 21 de novembro de 1970, assinado pelo então presidente Lucindo José Biazus e posteriormente transmitido por Isidoro Rossetti (Frei Elói) à Assembleia Geral do Sindicato, reunida no dia 28 de novembro de 1970, que aprovou tal doação por 18 votos. Pelos medicamentos da Farmácia e móveis, o STR pagou a importância de C75.000,00 (75 mil cruzeiros).

³⁰ GUADAGNIN, Eni Maria. *IBIRAIARAS sua terra e sua gente*. Passo Fundo: Gráfica e Editora Berthier, 2000, p. 92

2º. PERÍODO: 1972 a 1973 – 3 anos

principais pontos de lutas e reivindicações



Presidente: **Paulino Barbiero**

Secretario: Angelo Catapan

Tesoureiro: Sady João Sgarbossa

Conselho Fiscal: João Bedin, Angelo Sgarbossa e Sebino Rigo

Foi neste período em que foram entregues as **primeiras aposentadorias**, mas somente para aqueles com mais de 65 anos de idade e apenas no valor de 50% do salário mínimo.

Destaca-se nesta época a luta por:

- **Reforma Agrária:** o Estatuto da Terra introduziu mudanças profundas no modo como o direito tratava a relação do homem com a terra, ao condicionar a apropriação individual deste bem ao cumprimento de sua função social. Porém, os sindicatos e organizações da Igreja que lutaram para que a Reforma Agrária fosse colocada em prática através de uma redistribuição mais justa das terras, sofreram forte repressão por parte do Governo Militar. O Estatuto da Terra funcionou mais como mecanismo de controle das tensões sociais e sustentação do modelo capitalista do patronato rural;

- **Crédito fundiário:** o acesso à Terra através de empréstimos concedidos e facilitados pelo Governo, tem sido uma das mais importantes reivindicações dos pequenos agricultores. Nosso Sindicato defendeu e esteve à frente, junto com outros sindicatos, na luta por este direito;

- **Convênio com o FUNRURAL:** o hospital São José sob a direção do Sindicato conseguiu que o FUNRURAL assinasse um convênio que trouxe os primeiros auxílios à saúde dos agricultores. Este foi o 2º. convênio assinado pelo FUNRURAL no Rio Grande do Sul;

- **Bacia leiteira:** foi neste período que se incrementou a formação da bacia leiteira em nosso município. Na época foi firmado um convênio com a COOPIBI, que fornecia assistência técnica na produção de leite, como embriões para inseminação artificial e outras;

- **Convênio com a FETAG:** através da FETAG o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras, pode ter a sua disposição um técnico agrícola

financiado pela Secretaria da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul e dispor, de quando em vez, da assessoria de pessoas qualificadas para palestras e cursos para os agricultores.

3º. PERÍODO: 1974 a 1983 – 9 anos *principais pontos de lutas e reivindicações*



Presidente: **Moacir Costa**

Secretario: Valdir Dalcim

Tesoureiro: Sady João Sgarbossa
(até 1980) depois, Sergio Zanette.

Conselho Fiscal: Sebino Rigo, João Bedin e Angelo Sgarbossa (até 1977) depois, Sergio Zanette, Ari Dalcin e José Salvalaggio (até 1981) depois Francisco Tonin, Francisco Dal Piva e José Salvalaggio.

Delegados Federativos: Moacir Costa e Nelsi José Capellari (até 1980) depois Gibrail Francischetti.

Destaca-se, neste período, a construção da atual Sede do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras.

Neste período, presidente e secretário, permaneceram no cargo por três mandatos consecutivos. Moacir Costa e Valdir Dalcin, estiveram à frente do STR por 9 anos, havendo pequenas mudanças quanto a composição da Diretoria, como troca de tesoureiros e membros do Conselho Fiscal e Delegados Federativos.

Foi um tempo de muitas lutas em defesa dos direitos dos agricultores. Já nesta época se falava da necessidade de os sindicatos serem mais combativos, através do lema: “Por um sindicalismo autêntico, abaixo os pelegos”.

- **Modelo de produtor rural:** este documento exigido pelo governo federal, tornou-se indispensável a fim de que os agricultores pudessem usufruir de seus direitos tais como: empréstimos, aposentadoria, auxílio na saúde, etc. O Modelo de produtor rural, tinha que ser assinado pela Diretoria do Sindicato, depois de examinar a documentação apresentada por cada associado, o que resultou em muito trabalho. Entende-se por pequeno produtor rural, aquele que, residindo na zona rural, detenha a posse de gleba rural não superior a 50 hectares, explorando-a mediante o trabalho pessoal e de sua família.

- **Hospital Beneficente São José:** em janeiro de 1971 a Sociedade Literária São Boaventura de propriedade da Província do Capuchinhos do Rio Grande do Sul, através do pároco Pe. Frei Elói Rossetti, entregou o hospital para a comunidade de Ibiraiaras, representada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Desta forma a administração do hospital passou a ser mais um encargo da Diretoria do Sindicato, que ainda mantinha sua sede nas dependências do próprio hospital. A maior conquista deste período foi a implantação do Convênio com o FUNRURAL, trazendo vários benefícios na área da saúde para os agricultores. Foi também um tempo difícil, segundo o testemunho de pessoas que atuaram naquela época: intrigas entre médicos, prejuízos com a Farmácia devido a encomendas desnecessárias de remédios por parte do Dr. Alípio, brigas com enfermeiras... A direção do hospital, que era a mesma do Sindicato, preocupada em promover a saúde e o bem-estar da comunidade, tentou resolver problemas entre médicos, construindo dois consultórios na Rua São José do Carreiro, mesmo assim as intrigas continuaram. Felizmente, o Sindicato sempre pode contar com a ajuda das Irmãs de São José, que ainda residiam no hospital;

- **FUNRURAL:** foi nesta gestão que aconteceu a implantação dos Convênios com o FUNRURAL. Como se sabe, o FUNRURAL ou Contribuição Social Rural é uma contribuição social destinada a custear a seguridade (INSS) geral. Em 1974 foi criado o Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) que era, até então, vinculado ao Ministério do Trabalho (Lei 6.036/1974). Hoje, o segurado especial, ou seja, o produtor rural sem empregado, num regime familiar de produção, contribui com 2% sobre o valor da venda de seus produtos. Foi a partir desta contribuição que os agricultores, através dos Sindicatos, passaram a pressionar o governo para obtenção da aposentadoria e outros benefícios no mesmo nível das demais categorias de trabalhadores urbanos.

- **Relações do STR com a FETAG:** neste período se intensificaram os contatos do Sindicato com a FETAG, assim nossas reivindicações passaram a ter maior representatividade e força perante o governo estadual e federal. Foi um tempo de muita luta, pois os movimentos estavam sendo muito reprimidos pelo governo militar, se tentou destruir o que se tinha conquistado.

- **Luta na questão da cultura da soja:** nesta época ocorreu uma verdadeira explosão da cultura da soja. O preço e o cultivo mecanizado deste produto, motivou um aumento considerável da área de plantio, e, consequentemente, o preço das terras também subiu, dificultando o acesso à terra pelos filhos de pequenos agricultores. Diversos problemas posteriores como: aumento dos custos de produção e baixa dos preços, levaram muitos pequenos

agricultores à falência. Era o tempo em que Delfin Neto foi o Ministro da Agricultura, de triste memória para muitos.

- **CPT, MST, CIMI outros movimentos:** na década de setenta surgiram diversos movimentos sociais, como o MST, a CPT, o CIMI... no dia 7 de fevereiro de 1978 realizou-se em Caiboaté, interior de São Gabriel a 1ª. Romaria da Terra, em homenagem à Sepé Tiarajú, cujo grito parece ecoar ainda em nossos dias: “Esta terra tem dono!”. Neste tempo os movimentos sociais estavam na rua, apesar da forte repressão do governo militar. Quem não se lembra do acampamento dos sem-terra da “Encruzilhada Natalino”? Em 1978, 6 mil famílias expulsas da área indígena de Nonoai, ali acamparam em suas precárias barracas. Dois anos depois, o acampamento original tinha atraído camponeses de toda a região, com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT)). A marcha dos 15 mil, tendo à frente o bispo dom Tomás Balduino, coordenador da CPT, foi a maior manifestação pela reforma agrária desde o golpe de 1964. A Encruzilhada Natalino foi declarada área de segurança nacional. No dia 10 de agosto, o acampamento seria cercado pelas tropas. Ninguém mais podia entrar ou sair. O cerco foi furado no dia 21 por 35 colaboradores do movimento, que obtiveram salvo-conduto judicial para levar alimentos às famílias. Durante dez dias, apoiadores de todo o país concentraram-se na região: sindicalistas, religiosos, militantes do PT e de entidades democráticas. Derrotado pela resistência dos sem-terra, o major Curió abandonou a área no dia 31³¹.

- **Construção da atual Sede do Sindicato:** era de interesse do Sindicato construir sua Sede própria nas proximidades da COOPIBI³². Sabendo que seu Atílio Dalcim possuía um terreno em frente, o Sindicato entrou em contato com o proprietário e comprou metade do terreno, ou seja, 15 metros de frente por 30 de fundo. Foi então iniciada a construção em mutirão, isto é, através de associados que se dispusessem em contribuir com uma semana de serviço³³. No prédio foram instalados, inicialmente, um consultório médico e a inspetoria veterinária. Com a Sede construída³⁴ o Sindicato pode atender melhor os seus associados, com um atendimento diário para todos os agricultores.

³¹ O major Sebastião “Curió” Rodrigues de Moura desembarca na Encruzilhada Natalino, à frente de dez agentes da Polícia Federal e uma centena de policiais militares. Sua missão é retirar cerca de 600 famílias de trabalhadores sem-terra (cerca de 3 mil pessoas) acampadas no local. O major Curió, do Serviço Nacional de Informações (SNI), era um veterano do aparelho repressivo e foi um dos principais envolvidos no extermínio da guerrilha do Araguaia.

³² Na rua 25 de Dezembro, número 150, Ibiraiaras.

³³ Quem assumiu a direção e execução dos trabalhos da construção propriamente dita foram o Eng. Leomar Luiz Stella, como responsável técnico e o construtor Armando Roncatto.

³⁴ Como auxílio no pagamento do material de construção o STR recebeu do Estado 1.000.000,00 de cruzeiros (tempos de grande desvalorização da moeda nacional), através do deputado Jarbas Lima, conforme processo CC/17.524/81, comunicado de 13 de fevereiro de 1982.



Idarci Rech (prefeito), Moacir Costa (presidente do sindicato), Amaral de Souza(Governador) e Jarbas Lima (deputado)

- **Cursos de formação:** através do Sindicato foram realizados diversos cursos e seminários envolvendo os associados do Sindicato, tanto na cidade, como no interior, como, por exemplo, a “semana ruralista” e a “semana sindical” de 1979.

Na leitura que fizemos das Atas percebemos que no início da década de oitenta o Sindicato passou por um tempo de grande crise. O crescente descontentamento dos associados com relação ao atendimento médico hospitalar, o não repasse das ajudas que deveriam acontecer por parte do Convênio com o FUNRURAL, aliada à crise econômica agravada pela alta da inflação e baixa preço dos produtos agrícolas, sobretudo do leite, fez com que a participação dos associados nas Assembleias Gerais caísse para o menor nível de sua história. Por exemplo, em 1982 apenas 28/30 associados presentes votaram.

4º. PERÍODO: 12/10/1983 a 10/10/1986 – 3 anos *principais pontos de lutas e reivindicações*



Presidente: **Arnildo Perinotto**

Secretario: Eloi Deitos

Tesoureiro: José Salvalaggio

Conselho Fiscal: Florentino Tosini, Francisco Sgarbossa e Francisco Tonin.

Suplentes: Adair Luiz Ditadi, João Oscar Arioli e Nelson Barbieri.

Delegados Federativos (repr. Efetivos): Arnildo Perinotto e José Salvalaggio

Suplentes: Sergio Zanette e Valdir Dalcin.

Ainda em 1982 as Assembleias Gerais começaram a acontecer no Clube União (devido às reformas no Salão Paroquial). Neste período as dificuldades atingiram em cheio a administração do Hospital: dificuldades em manter um plantão médico; as remessas de verbas do FUNRURAL não cobriam as despesas (o ministro da saúde rebate dizendo que os agricultores não contribuem...); a necessidade de recadastramento, de constantes atualizações das consultas cobradas pelos médicos, etc. A inflação, como se dizia, era “galopante”, as mensalidades dos associados tinham que ser reajustadas em 100%, depois em 300% ... de 50 cruzeiros para 5.000 cruzeiros³⁵. Os agricultores se sentem lesados em seus direitos e o descontentamento é generalizado.

Provavelmente este foi o período de maior crise de toda a história do STR de Ibiraiaras. A participação dos associados, nos últimos anos, tinha diminuído significativamente. Em 1984 começou a melhorar, mas ainda se fazendo presentes apenas 130 associados. Dali por diante as votações passaram a acontecer por aclamação e, então, não sabemos qual era o número de participantes. Porém, na Ata de n. 47 ficou registrado que os votantes da Assembleia de 17.05.1986 foi de apenas 33 associados, devido ao mau tempo. Em 1986 - quando foi votado o destino do patrimônio da Sociedade Hospitalar Beneficente São José – votaram 78 dos 97 associados presentes, o que é um número revelador para assunto de vital interesse dos agricultores. Ainda na AG de 11.10.86 marcaram presença apenas 37 associados³⁶. Depois, com

³⁵ A previsão orçamentária para 1983 foi de CR45.000.000,00 (45 milhões de cruzeiros), cfr. Ata de número 43, p. 54.

³⁶ A partir desta data as Assembleias Gerais voltam a acontecer no Salão Paroquial.

a nova Diretoria, no ano seguinte, o número de associados voltou a crescer significativamente, como veremos.

Neste período se intensifica a luta pela aposentadoria de um salário mínimo e que só vai ser aprovada em 1988. Também aconteceu:

- **Filiação do Sindicato à CUT:** nesta época se iniciou a discussão sobre as conveniências de filiação do Sindicato a Central Única dos Trabalhadores. Discutia-se também sobre o modelo de sindicato que se desejava: que não se restringisse somente no assistencialismo como convênios com o INAMPS, assistência médica, odontologia, oftalmologia;

- **Luta pelo preço mínimo do leite:** os agricultores precisavam de certas garantias na comercialização do leite. Os custos de produção exigiam um preço mínimo sob pena de os produtores de leite viverem na incerteza do próprio futuro.

- **Cadastros ITR:** houve continuidade na prestação de serviços burocráticos aos associados, como auxílio especial nos cadastros para o Imposto Territorial Rural (ITR).

- **Hospital:** O setor saúde foi o mais crucial vivido pelos agricultores nos últimos anos. Talvez este tenha sido o motivo principal do baixo índice de participação dos associados nas Assembleias Gerais do Sindicato. Conforme a Ata de n. 48, pp. 64b a 66b, no dia 18 de agosto de 1986, aconteceu a Assembleia Geral Extraordinária - contando também com a presença do Prefeito Egídio Paggiarin e do Frei Alécio Turcatel, representante da Sociedade Boaventura - na qual 54 dos 97 associados presentes decidiram entregar o hospital para a administração pública³⁷. Tal decisão foi posteriormente aprovada pela Câmara Municipal de Vereadores, no dia 20 de outubro de 1986.

³⁷ Cfr. Ata 48pp. 64b a 66b

5º. PERÍODO: 1986/7 a 1992

principais pontos de lutas e reivindicações



Presidente: **Rogério Guadagnin** (até 1989) depois Nelson Barbieri (1990) e Ari Benedetti (1991)³⁸ que a partir de 1989 era vice-presidente.

Secretário: Francisco Sgarbossa (até 1989) Depois, Nelson Barbieri.

Tesoureiro: Luidi Tessaro substituído pelo Diretor de Finanças: Algenor Ramkraps (1989).

Suplentes: Leuris Sgarbossa, Luiz Aiolfi e Feliz Pedro Maschio.

Conselho Fiscal: Ela Deitos, Cleomar Luchese e Ari Daros (até 1989) depois Vitorino dos Santos, Eloi Deitos e Henrique Tessaro. Suplentes: Ladir Festa, Valdir Dalcin e Algemiro Piva (até 1989) depois Henrique Salvalaggio, Aquiles Ditadi e Julio Ribeiro de Paula.

Diretor de Comunicação: Luidi Tessaro (a partir de 1989)

Diretor de Saúde: Ivo Gonzatto (1989)

Diretor de Cultura, formação e lazer: Clévis Appio (1989)

Diretor de Política Agrícola: Ladir Rigo (1989)

Representante dos Jovens da cidade: Alceu Masiero, depois, Ari Benedetti.

Representantes do MMR: Maria Festa e Verena Zwirtes, depois, Mônica Marchesini.

Responsável pela divulgação na Rádio Cacique: Altamiro da Silva.

Neste período três pessoas assumiram a presidência. O primeiro foi Rogério Guadagnin (1986/7 a 1989), depois Nelson Barbieri (1990) e por último Ari Benedetti.

A partir de 1988/9 foram adotadas novas nomenclaturas e a inclusão de novos serviços na equipe da Diretoria, como: Diretor de Finanças ao invés de Tesoureiro, e diretores de Saúde, Cultura, formação e lazer, e Política Agrícola. Percebe-se uma nova estratégia de envolvimento dos associados através de novas lideranças como do representante da juventude da cidade (Alceu

³⁸ Cfr. Ata 58 do Livro de Atas das Assembleias do Sindicato, ficara decidido que nos próximos três anos a presidência da Diretoria será rotativa, ou seja, no primeiro ano será assumida por Rogério Guadagnin, no segundo por Nelson Barbieri e no terceiro por Ari Benedetti.

Masiero, depois, Ari Benedetti); do representante dos Sem Terra (Valdecir de Jesus Moreira, depois Vitorino Tonin) e, especialmente, das representantes do MMR (Movimento das Mulheres da Roça) (Maria Festa e Verena Zwirtes, depois, Mônica Marchesini); divulgação na Rádio Cacique (Altamiro da Silva). Também, a partir de então, Roberto Alceu Felten assume a contabilidade do STR, depois, substituído por Alexandre Felten, que posteriormente foi substituído por Valdemir Zandoná.

O grande mérito da direção do STR deste tempo foi sua aposta na formação dos associados e associadas: 10 pessoas foram enviadas para a Escola Sindical Diocesana.

Em 1987 se iniciou a sindicalização dos jovens e em 1988 a sindicalização das mulheres trabalhadoras rurais. Outro ponto importante de envolvimento dos agricultores associados foi o concurso para escolha da nova Bandeira do Sindicato.

No contexto socioeconômico vive-se momentos de grande expectativa. É o tempo do Plano Cruzado, que também fracassou³⁹. Foi um período de muita luta e mobilizações tanto em nível regional como estadual e nacional. Os agricultores passam por grandes dificuldades, daí a luta por crédito rural diferenciado para os pequenos agricultores, por preços justos aos produtos agrícolas, da luta pela aposentadoria integral, salário maternidade e outros direitos conquistados.

- **Anistia de financiamentos agrícolas:** diante do baixo preço dos produtos agrícolas, no caso de Ibi-raiaras, sobretudo da batata e do leite, o Sindicato promoveu, por exemplo, a distribuição de batata aos mais pobres de Passo Fundo, com ampla cobertura dos meios de comunicação social. O Sindicato passou a liderar protestos de agricultores em frente ao Banco do Brasil, bem como nos Trevos de Sananduva e Barretos, com o objetivo de se conseguir a anistia dos financiamentos agrícolas e outros direitos.



- **Constituição da Roça e conquista da aposentadoria integral:** em busca dos Direitos dos Trabalhadores Rurais aconteceram diversas mobilizações culminando com uma marcha até Brasília. Com a elaboração



³⁹ A inflação chegou aos 700% em 1988. Então foi nomeada uma equipe para ajudar a Diretoria na cobrança das mensalidades. O orçamento aprovado para o ano de 1989, em Assembleia Geral realizada no dia 19.12.88, foi de CRZ3.000.000,00 (três milhões de cruzados).

da Nova Constituição em 1988, mais de 10 mil agricultores de diferentes pontos do país marcharam até Brasília, entregando a Constituinte um milhão e quinhentas mil assinaturas solicitando aposentadoria de um salário mínimo para mulheres, aos 55 anos e para os homens, aos 60 anos. Este esforço valeu a pena, tanto assim que, ao ser regulamentada a Lei aprovada pelo Congresso, os aposentados e aposentadas receberam retroativamente seus salários desde outubro de 1988;

- **Reconhecimento da profissão:** os agricultores precisavam se equiparar aos demais trabalhadores que contribuíam com o INSS e assim usufruir de seus direitos equitativos como, seguro desemprego, etc. Essa reivindicação foi alcançada no período da próxima diretoria;

- **Filiação à CUT:** foi concretizada em setembro de 1989, na Assembleia Geral do dia 15, no Salão Paroquial⁴⁰. A CUT foi fundada em 28.08.1982 no ABC paulista e tem como objetivo a defesa dos direitos dos trabalhadores em nível nacional, além de lutar pela construção da democracia, liberdade e autonomia sindical e solidariedade internacional.⁴¹

- **Início da organização do MMTR:** o Sindicato teve papel importante na organização do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais⁴².

Relendo a história do Sindicato deste período, verificamos uma mudança de metodologia no sentido de se obter maior participação dos associados. Primeiro pelo engajamento de um maior número de pessoas e lideranças convidadas a compartilharem responsabilidades com a própria Diretoria. A Diretoria, a partir desta gestão, não se limita ao diretor, secretário, tesoureiro e conselho fiscal, mas abrange outros setores ou frentes de ação sindical como as da comunicação, saúde, política agrícola, delegados federativos, cultura, formação e lazer, jovens, etc. Aliás, a sindicalização dos jovens e das mulheres foi outra iniciativa importante.

Através destas lideranças a articulação se fez mais presente nas próprias comunidades (capelas), facilitando o engajamento e a participação dos associados nas lutas que se travaram em defesa dos direitos já conquistados e na busca por novos direitos.

Daí porque, já na primeira Assembleia Geral, acontecida no dia 28 de março de 1987, tivemos a presença de 251 associados, número que tem crescido significativamente nos anos seguintes.

⁴⁰ No dia 22 de fevereiro de 1989, no Clube União, foram aprovados por aclamação os Novos Estatutos do STR, dando maior espaço para lideranças assumirem diferentes serviços e representações do Sindicato.

⁴¹ Celso Prando, de Sananduva, membro da Executiva Estadual do departamento rural da CUT, foi o representante regional por certo período.

⁴² Recomendamos a leitura do texto adiante que disserta sobre o MMTR e das Bruxinhas a serviço da vida.

6º. PERÍODO: 1992 a 1998 – 6 anos

principais pontos de lutas e reivindicações



Presidente: **Ari Benedetti** (até 1996) depois, Luidi Tessaro.

Vice: Luidi Tessaro

Secretario: Nelson Barbieri (até 1996) depois Mônica Zanette Marchesini

Diretor de Finanças: Darlei Audibert e Algenor Rankrapes.

Diretor de Comunicação: Luidi Tessaro e Hermes Toazza.

Diretor de Saúde: Luiz Lazarotto

Diretor de Cultura, formação e lazer: Afranio Dalcin.

Diretor de Política Agrícola: Agenor Concolato. Suplentes: Vidacir Festa, Delazir Piva, Nelson Barbieri, Remi Rigo, Flavio Zimmer, Ladir Rigo, Clovis Appio e Valdir Zanin.

Delegados Federativos: Nelson Mezzomo e Evandro Volpato. Suplentes: Gelson Bruscatto e Davi Sauthier.

Conselho Fiscal: Itamar Baréa, Itacir Puerari e Irma Banedetti. Suplentes: Jorge Sgarbossa, João Carlos Marchioro e Neiva Tessaro⁴³.

Assim como no período anterior, a participação dos Associados nas Assembleias tem aumentado significativamente. Contribuíram neste sentido dois fatores preponderantes: primeiro a nova estratégia de envolvimento de um maior número de lideranças que possibilitaram um maior contato com os associados em suas comunidades (a partir deste período surgiram também os Delegados Federativos: representantes do Sindicato perante organizações de nível regional, estadual e federal). Por outro lado, a própria conjuntura sócio econômico e política, vivida nestes anos, exigiu de todos uma maior participação nas lutas pela defesa dos direitos já conquistados e na busca de outros como a aposentadoria da mulher, o salário maternidade e o crédito subsidiado para os pequenos agricultores.

⁴³ Outros que atuaram substituindo efetivos de alguns setores: Jaime Vassoler, Aquiles Ditadi, Leomar Tessaro, Antonio Rodrigues, Adelino Festa, Natalicio Gris, Delvino Bolsoni, Helio Dalberto, Henrique Salvalaggio, Eloi Deitos, Ivo Gonzatto, Idenir Stella, Vicente Eugenio Casali, Rogério Guadagnin e Erculino Casagrande.

Neste período surgiu o “Departamento Rural da CUT”, e se intensificou a campanha “nenhuma mulher sem documento”.

Foi um tempo difícil devido à estiagem, ao endividamento dos agricultores com os Bancos e a defasagem dos preços dos produtos agrícolas no início do Plano Real. No trevo de Sananduva aconteceu o “acampamento da seca”, manifestação em busca de uma solução digna para o endividamento dos agricultores. Também foi organizada uma concentração estadual pró Reforma Agrária em Lagoa Vermelha e o “Comboio da Esperança”... com o surgimento do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA).

O sindicato passou a pressionar, juntamente com outros sindicatos, por um Fundo de Investimento para as pequenas propriedades. Lutou também pela melhoria das estradas; participou da discussão sobre os agrotóxicos, salário maternidade, e auxílio doença. Promoveu a formação de lideranças e colocou em debate a colaboração dos agricultores aposentados com o Sindicato;

- **Grito do Campo:** organizado pelos três Estados do Sul tendo como reivindicações: melhorias na saúde, crédito subsidiado para a pequena propriedade e Reforma Agrária. Este movimento evoluiu e, em nível nacional, em 1998, aconteceu o V Grito da Terra Brasil: a pauta reivindicatória do V GTB foi entregue ao governo federal no dia 18 de maio de 1998, mas o governo marcou e desmarcou várias audiências. A estratégia de ir “cozinhando em banho-maria”, não desanimou os trabalhadores rurais. No dia 20 de julho, cerca de 1.200 agricultores familiares acamparam próximo à esplanada dos ministérios acompanhando as rodadas de negociações até o dia 23, quando mais de 3.500 trabalhadores rurais se reuniram em frente ao Congresso Nacional, quando o governo cedeu às reivindicações da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). O V GTB resultou em conquistas nas áreas de política agrícola, agrária e sociais, tais como Projetos de Assentamentos, Crédito rural, Pronaf, Preços mínimos, Proagro, Dívidas dos agricultores, e Previdência Social. Proposição e implantação do “sistema troca-troca”, convênio com a Secretaria Estadual da Agricultura, no caso das sementes para o plantio;

- **Comboio da Agricultura Familiar:** saída desde Tio Hugo no dia 07.05, com chegada em Porto Alegre dia 13/5.05.1997. Este comboio tinha como objetivo pressionar o governo (Brito – FHC) para conceder crédito para investimento e liberação do dinheiro do PRO-RURAL;

- **Conquista da securitização:** no começo da década de 90, produtores rurais estavam endividados e não conseguiam pagar seus financiamentos se não tivesse havido a renegociação desses débitos, a denominada securiti-

zação de dívidas rurais. O Banco do Brasil tinha impactos negativos nos seus resultados ocasionados pela inadimplência dos produtores, principalmente por ser a instituição mais importante em termos de crédito rural. Após um longo processo de negociações, foi aprovada a Lei n. 9.138, de 1995, que deu início à denominada securitização das dívidas;

- **Início da produção ecológica:** como já vimos os anos 80 foram de muita efervescência no meio rural. O impacto sócio ambiental negativo da chamada “Revolução Verde”⁴⁴, a distensão da ditadura militar e a retomada das lutas sociais no campo criaram o cenário oportuno para o surgimento de organizações que buscavam uma nova forma de desenvolvimento no meio rural, baseado na Agricultura Ecológica e na Cooperação. É neste contexto que, em janeiro de 1985, surge o Projeto Vacaria, em uma área situada no atual município de Ipê. O Sindicato de Ibiraiaras também se interessou por esta área incentivando os agricultores, através de encontros de formação para produção ecológica. Os produtores começaram assim a vender seus produtos em feiras de Passo Fundo e Lagoa Vermelha;



- **Greve de fome em Porto Alegre:** a greve de fome de um grupo de agricultores na sede do INCRA em Porto Alegre durou 17 dias e teve repercussão internacional. O sacrifício dos grevistas muito contribuiu na conquista do “Pronafinho Custeio”. Em memória desta luta, decidimos publicar parte do depoimento de Luidi Tessaro, nosso valoroso representante:⁴⁵



“Tudo começou em 1985 e 1986, com a Escola de Formação de Agentes de Pastoral, puxada por Dom Orlando Dotti⁴⁶. A Escola tinha quatro etapas. Já na 2ª. etapa se começou a discutir a questão sindical. Baseados no Evangelho e a partir daquilo que aprendemos com o Êxodo, da opressão que o povo da Bíblia sofreu, chegamos aos nossos dias. Aí começamos a discutir as questões sindicais e chegamos à conclusão de era necessário partir para um novo modelo de Sindicato. Naquela

⁴⁴ Trata-se da expansão territorial da área de plantio no Brasil, sobretudo das culturas de soja e milho, com a utilização de maquinário agrícola moderno, e consequente valorização do preço das terras, uso excessivo de agrotóxicos.

⁴⁵ A entrevista com Luidi Tessaro aconteceu na manhã do dia 10 de setembro de 2016, nas dependências da Sede do STR de Ibiraiaras.

⁴⁶ Dom Orlando Dotti, profundo conhecedor das questões fundiárias, sempre foi um grande defensor dos direitos dos pequenos agricultores. Sua presença em eventos promovidos pela classe trabalhadora do meio rural era sempre garantida e muito estimada por todos.

época se dizia que o Sindicato que estava aí se preocupava quase que exclusivamente com assistência médica, dentista... “não era prá fazer luta”. Se dizia que era um sindicato “pelego”. Então se resolveu partir, para a construção de um “sindicato combativo”. No início as discussões se faziam meio às escondidas, ‘nos porões’ pois a gente vinha de um regime militar, era meio perigoso. Me lembro da colaboração especial que tivemos com o acompanhamento dos teólogos Alceu Calgarotto, Claudio Prescendo, Edson Priamo e Jucelino Bogoni. Depois veio o Rogério Guadagnin, que não estava na Escola, mas já tinha um trabalho forte na Pastoral da Juventude, já tinha sido prefeito por um dia da pastoral. Aí se iniciou um trabalho do tipo de um sindicato combativo.

As primeiras mobilizações aconteceram em 1986 e 87. Como em Ibi-raiaras o forte era a batata, me lembro que se fritava batata em frente do Banco do Brasil, aqui. Depois se começou a trancar a BR 285, nos trevos de Sananduva, de Barretos... Sempre baseados numa organização. O pique do movimento sindical foi nos anos 90, mas já com início por ocasião da Constituição de 88. Fizemos muitas marchas, caminhadas, me lembro de uma caminhada que foi de Palmeira das Missões, passando por muitas cidades, para conscientização política. Partimos de Palmeira das Missões, com um trator velho em cima de um caminhão, dormíamos embaixo de lona e a nossa intenção era taca fogo, queimar o trator em frente da Expointer. Outros partiram de outras regiões.

Enfim chegamos na Expointer. E a opressão era forte. Pegamos o ministro da agricultura num prédio, num órgão da Prefeitura de Esteio. Sei que pegamos o “bicho” lá dentro daquele pavilhão. Aí surgiu aquele quê, de que tinha sido feito refém, aonde foi que o Brito enlouqueceu, ele quebrou tudo o que havia no escritório em que estava lá na Expointer. Ele estava bêbado. A gente sabe porque tinha informantes lá dentro. Dizem que aconteceu o mesmo, quando ocupamos a GM, quebrou tudo o que havia no seu escritório em Porto Alegre. Tinha um repórter da RBS que nos informava de tudo, era o cara que nos passava todas as informações. Era muito chegado com o Frei Sergio Gorghen. Não me lembro do nome dele, só sei que ele fazia reportagens especiais e quando a RBS não permitia ele largava por fora, em outros jornais.

Aquela vez da GM se armou um cenário de guerra. Quando chegaram as máquinas no local da construção, em Gravataí, no tempo do Brito, no amanhecer nós estávamos tudo dentro do terreno. Foi uma invasão coordenada pelo MST. Aí a polícia nos cercou, era batalhão de choque, acho que tinha uns mil policiais e começaram sobrevoar de helicóptero nos ameaçando. Lá pelas tantas apareceu um batalhão de choque, daqueles ninjas superarmos, saíram do meio de uma capoeira, e avançavam em forma em nossa direção. O Mar-

con gritou: “Tragam a gasolina”. Era gasolina com açúcar dentro de garrafas (molotov). Acho que eles sentiram o cheiro e recuaram, ainda bem, porque ia ser feio. Tínhamos diversos engradados cheios de garrafas e estávamos prontos para jogar neles. De tarde, de novo tentaram nos expulsar, já estávamos cercados, quando chegaram os advogados com uma liminar exigindo que nos retirássemos do local dentro de dois dias. Era nossa intenção sair naquele mesmo dia, daí saímos no dia seguinte.

O MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores) surgiu a partir do acampamento de Sananduva, em 1996, quando teve um racha no grupo: uns achavam que deveríamos ir com calma, mas devagar, esperara ... mas outros já estavam cansados de tanto esperar. Foi aí que surgiu um grupo mais radical que decidiu levar adiante a luta e que culminou com a “greve de fome”. A grande reivindicação daquele momento era o “crédito subsidiado”, um crédito diferenciado para a agricultura familiar.



Tudo aconteceu depois de uma caminhada, iniciada em Montenegro e culminando com uma audiência com o diretor do INCRA, lá perto do Parque Farroupilha, em Porto Alegre. O diretor do INCRA naquele tempo era o Raul Jungmann, que ainda tá por aí nas política. Então o Jugmann nos recebeu e quando subimos lá em cima no Escritório dele, nós decretamos a greve de fome. Estávamos decididos a ficar por lá mesmo, no escritório dele. Daí ele disse que lá no Escritório dele não. Daí nós negociamos e ficamos numa sala à esquerda de quem entra no prédio, lá embaixo. Éramos em 9, um de Arroio do Meio, por pressão da família, desistiu e ficamos em oito. Nosso maior objetivo era conseguir um **crédito subsidiado**.

Veja bem, como era tudo pensado. No dia 2 de outubro vinha o papa para o Brasil. E a negociação lá em Brasília, com o Fernando Henrique, estava parada. Os dias foram passando e a imprensa começou a pressionar. Então resolvemos partir para o Rio de Janeiro para conversar com o papa. A imprensa publicou que já tínhamos comprado as passagens, nós íamos em 5, três ficavam. Sob essa pressão o Fernando Henrique cedeu e assim foi criado o tal de PRONAF. A “greve de fome” fez surgir o PRONAF que foi regulamentado tempo depois”.

Veja bem, como era tudo pensado. No dia 2 de outubro vinha o papa para o Brasil. E a negociação lá em Brasília, com o Fernando Henrique, estava parada. Os dias foram passando e a imprensa começou a pressionar. Então resolvemos partir para o Rio de Janeiro para conversar com o papa. A imprensa publicou que já tínhamos comprado as passagens, nós íamos em 5, três ficavam. Sob essa pressão o Fernando Henrique cedeu e assim foi criado o tal de PRONAF. A “greve de fome” fez surgir o PRONAF que foi regulamentado tempo depois”.

Quantos quilos você perdeu? – “Não foi muito, uns dez ou onze quilos. Durante a greve a gente só bebe soro caseiro e água. O pior de tudo foi

no início, imagina, era a Semana Farroupilha, toda a noite vinha aquele cheiro de churrasco. A gente tinha um acompanhamento médico, e tal, recebíamos visitas, sobretudo de religiosos, mas o tempo não passava. Ficamos lá dois fins de semana. Num domingo tivemos um Culto Ecumênico, com pastores e pastoras de outras igrejas solidárias. De quando em vez chegavam repórteres para entrevistas, outras pessoas chegavam às vezes só para nos observar.

O guarda do prédio, um moreno, foi muito nosso parceiro. Numa noite, a uma e meia da madrugada, chegaram dois caras da polícia querendo nos expulsar de lá, mas o guarda não permitiu. Com o passar dos dias, comecei a ter bastante diarreia de um cheiro muito estranho. Os médicos disseram que poderia ser questão de venenos, dos agrotóxicos. Além do mais, ficar ali parado sem fazer nada era um tormento, o tempo não passava.

A greve terminou no dia 3 de outubro. Deixamos o INCRA às 8 da noite. Quem veio me buscar foi o Pe. Edson Priamo, que primeiro me levou lá para a casa dos capuchinhos, no Partenon. Comemos uma sopinha, dormimos lá e voltamos no dia seguinte.

O racha de que falei antes, aconteceu porque alguns queriam ir devagar, esperando... e outro grupo, ao qual o nosso Sindicato aderiu, partiu para uma luta mais radical, exigindo providências do poder público. Estávamos cansados de promessas não cumpridas. Isso foi em 1996. Nós tínhamos 32 grupos do MPA em Ibiraiaras⁴⁷. O racha maior aconteceu lá em Sarandi, onde tinha umas 20 mil pessoas acampadas, por aqui só tinha umas duas mil. No acampamento de Sananduva estavam à frente a Gessi Bones, o Ari Benedetti, o Zanin, o Celso Prando de Sananduva e outras pessoas dos Sindicatos de São João da Urtiga, de Cacique, São José do Ouro de Ibiacá e outros. Me lembro que o Celso Prando e o Ari viviam batendo boca, cada um defendendo o seu ponto de vista. O MPA foi um movimento ligado ao MST que estava sob a coordenação do Frei Sérgio, do Marcon, do Adão Preto e outros. Eles é que davam assessoria ao MPA. No momento em que um movimento alcançou o seu objetivo ele deixa de existir.

Depois da “Greve de fome” o MPA foi deixando de existir também porque os Sindicatos começaram a executar este plano. As CREHNOR surgi-



⁴⁷ Na década de 2.000 existiam 80 grupos do MPA em Ibiraiaras e região circunvizinha.

ram deste MPA, converse com o teu sobrinho, o Afrânio, ele sempre esteve à frente da criação da CREHNOR. Converse com o Afrânio, que ele vai contar toda esta história. Agora a CREHNOR se uniu com a CRESOL, mas não é a CRESOL de Sananduva e São José do Ouro. Se uniram com a CRESOL do Paraná. Com sede em São Francisco Beltrão. Em 1996 surgem as primeiras Cooperativas Cresol de Crédito com Interação Solidária. O crescimento deste sistema foi impressionante, provando a grande força das famílias agricultoras, até então excluídas da rede bancária tradicional. O sistema tem por princípios a interação solidária, a democratização e profissionalização do crédito, a direção e gestão dos próprios agricultores, a transparência, a descentralização das decisões e o crescimento horizontal da rede de cooperativas, buscando a transparência e honestidade na gestão. Atualmente a Cresol já possui duas centrais com mais de cem cooperativas espalhadas no Estado do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com projeção de duplicar no número de cooperativas nos próximos anos.

O Sindicato tinha que fazer os projetos de empréstimo porque o Banco do Brasil não fazia. Foi assim que começou a discussão de um banco, de uma cooperativa de crédito. Aqui, foram os 32 grupos do MPA que deram sustentação à CREHNOR, no início, em 2004. Você vai ver que era o Afrânio quem fazia os primeiros projetos, aqui no Sindicato. Você sabe, depois da eleição do Lula, de 2002 para cá, o Sindicato passou a não sentir necessidade de luta, aí foi enfraquecendo. No 2º. Mandato do Lula ele foi chamado pelas lideranças sindicais que disseram, que estava na hora de “chutar o pau da barraca”... Mas ele achava que tinha de se fazer tudo em nome da governabilidade E ali ele se ferrou, a governabilidade dele deu no que deu.

E o pessoal do MPA começou a se enfiar para dentro das CREHNOR. Em 2006, 2007 deu aquele estouro das CREHNOR ali debaixo (Arroio do Meio, Lajeado, Venâncio Aires, Cruzeiro do Sul). Um louco de Venâncio Aires difundiu a ideia de não pagar, de dar um calote no Banco do Brasil. Deu um “bafafá” danado. Sabe, quando se lida com o povo, “temos cinco dedos na mão e nem um é igual”. Deu intervenção, saiu na imprensa e tal, e aqui em Ibiraiaras também tivemos dificuldades. Olmir Sgarbossa, que teve muitos méritos na criação da Via Campesina, também criou alguns desentendimentos, mas isso já é coisa do passado. A partir de 2008, no tempo do Zanin, que era técnico agrícola, entramos em contato com o pessoal de Sarandi, berço da CREHNOR. O Afrânio foi trabalhando em conjunto com a CREHNOR de lá, ia na segunda e voltava na sexta...

Em 2013 o Sindicato estava isolado. Não tinha mais um órgão que o representasse lá adiante, uma federação e então não tínhamos outra saída a

não ser se juntar a FETRAF, que era o antigo grupo antes do racha ou voltar para a FETAG. Se começou essa discussão ali, quando o Nelson assumiu e se decidiu pela filiação de nosso Sindicato a SINTRAF (Sindicato dos Trabalhadores da Agricultura Familiar). Por isso hoje nosso sindicato está registrado como Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar de Ibiraiaras, ou seja, SINTRAF-RS”.

7º. PERÍODO: 1999 a 2001 – 3 anos *principais realizações e conquistas*



Presidente: **Valdir Zanin** (até 9/2000) Depois, Afrânio Dalcim.

Vice: Mônica Zanette Marchesini

Secretário geral: Vilmar Todeschini

Diretor Financeiro: Jaime Postal

Diretor de Divulgação: Luiz Lazzarotto
Diretor de Saúde: Terezinha Zimmer

Diretor de Política Agrícola: Luidi Tessaro

Diretor de Cultura, formação e lazer: Ari Benedetti.

Suplentes: Gilmar Costa, Hermes Toazza, Olmir Sgarbossa, Pedrinho Dalberto, Daniel Bedin, Adriano Cristianetti, Erodes Fabris e Danilo Tonin.

Delegados Federativos: Nelson Mezzomo e Luiz Adelino Festa

Suplentes: Marilda Sauthier e Ivanir Zanchet

Conselho Fiscal: Remi Rigo, Valdomiro Simioni e Claudir Daros

Suplentes: Paulino Backs, Waldomiro Strapazzon e Ivanir Sgarbossa.

Nesta época nosso Sindicato estava ligado a FETRAF-SUL (Federação dos Trabalhadores da Agricultura Familiar do Sul. Foi um período de concretização de algumas conquistas, como a liberação do primeiro “Pronafinho Investimento” e início de novas mobilizações na busca de outras metas, como o Crédito Moradia e a luta pela indenização das famílias atingidas pela área indígena.

Foi neste período que aconteceu a invasão dos indígenas em terras de agricultores das comunidades de Santa Catarina e Santo Antônio, aqui na região de Ibiraiaras e Muliterno. Nesse processo de incertezas e muita angús-

tia para mais de 60 famílias, o Sindicato de Ibiraiaras desempenhou um papel fundamental na solução do problema. Para entendermos essa situação, nada melhor do que ouvirmos o depoimento de Valdir Zanin:

“Como se sabe, foi o Estado quem, no passado, vendeu estas terras para os agricultores quando estas, documentalmente, ainda estavam destinadas aos índios. Os índios, apesar de não estarem mais por aqui no tempo em que foram vendidas, continuavam sendo os legítimos donos. O Estado, portanto, tinha obrigação de ressarcir os danos causados aos agricultores. Infelizmente nessas ocasiões os governantes, tanto estadual quanto federal, não se apressam para solucionar o problema.

Os índios começaram a chegar ainda no tempo do Ari Benedetti. Quando assumi o problema estava para ser resolvido. Primeiramente formamos uma Comissão formada pelo Nelson Mezzomo, representante dos moradores da comunidade de Santa Catarina, pelo Roberto Catapan, representante dos moradores da comunidade Santo Antônio, mais o Geraldo Zolet e eu pelo Sindicato. Essa Comissão tomou a defesa dos direitos dos agricultores atingidos.

Iniciamos os trabalhos reunindo muitas vezes os agricultores, planejando passos para buscar a melhor solução. A terra era dever do Estado e as benfeitorias era compromisso do governo Federal. Daí viajamos diversas vezes à Porto Alegre, reunindo-nos com deputados e por duas ou três vezes com o governador. Também tivemos audiências com o governo federal, com a FUNAI, reunindo-nos com a bancada gaúcha no Congresso Nacional. A partir disto fizeram o levantamento das terras e benfeitorias e apresentaram duas formas de solução para serem escolhidas:

- pagamento das terras e benfeitorias ou busca de um novo local para reassentamento das famílias. Poucos foram aqueles que optaram pela indenização em dinheiro. A maioria das 60 a 70 famílias optaram pelo reassentamento.

Daí começamos a percorrer a região toda em busca de áreas maiores, apropriadas para o caso. Me lembro que tínhamos um Fiat vermelho que de tanto andar por aí acabamos com ele. Algumas vezes fomos atropelados na chegada, pois pensavam que éramos dos “sem terra”. Finalmente encontramos duas áreas: a do Jaboticabal (na Palmeira), onde foram reassentadas as famílias de Santa Catarina e outra em Davi Canabarro, conhecida popularmente por “Quatro Bocas”- devido ao cruzamento existente por lá - onde foram reassentados os moradores de Santo Antônio, também favorecidos pela proximidade de seu local de origem. As duas áreas são quase do mesmo tamanho, sendo que na soma totalizam 1.004 hectares.

Mas, para que tudo isso acontecesse foram necessárias inúmeras reuniões: não foi fácil contentar a todos os agricultores, que ora aceitavam, ora

não, a área de terra que lhes foi sorteada. Alguns até receberam uma área maior do que a que tinham antes. Aqueles que tinham menos de um módulo (10 ou 12 ha) e os que tinham filhos maiores de 18 anos, cada filho acabou recebendo um módulo. Lembro-me de que algumas vezes me procuravam a qualquer hora, até de madrugada e a gente procurou atender a todos em tudo o que nos foi possível. Sem dúvida, a contribuição do Sindicato de Ibiraiaras foi decisiva na busca pela melhor solução. Sem o auxílio desta ferramenta os agricultores dificilmente teriam conseguido a defesa legítima de seus direitos de posse. Quando sai 95% dos casos já tinham sido resolvidos”.

- **Marcha popular pelo Brasil:** alguns membros do STR também participaram⁴⁸. O cartaz ao lado, por si só já diz muita coisa;

- **Negociação das dívidas:** com a crise que atingiu sobretudo os plantadores de batata, se lutou bastante pela negociação das dívidas com o Banco do Brasil, com rebate de 30% das dívidas;

- **Liberação do primeiro Pronafinho Investimento:** Até 1993 o agricultor familiar era considerado “mini-produtor” e não se falava em agricultura familiar. Em 1994 foi criado o PROVAP, que em 1996 passou a ser o PRONAF (Prog.de Fortalecimento da Agr. Familiar-decreto nº 1.946 de 28/06/1996.). Neste ano de 1996, como fruto das pressões dos agricultores familiares foi criado o “PRONAFinho”- para produtores com renda familiar bruta anual até R\$8.000,00, que funciona como um crédito de custeio rotativo e automático para o produtor, sem as exigências anteriores. O “Pronafinho Investimento” só chegou três anos depois;

- **Luta pelo Crédito Moradia:** na década de 1990 a política habitacional não era concebida como prioridade pelo governo e os agricultores já se mobilizaram para conseguir o financiamento de suas moradias. A partir de 2002, com Lula e a Política Nacional de Habitação de 2004, se universaliza o acesso à moradia para à população de baixa renda, inclusive para os agricultores.



⁴⁸ Os marchantes, 1100 militantes de diferentes movimentos sociais de 23 Estados, percorreram ombro a ombro os 1600 quilômetros, atravessando os estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal. Foram necessários noventa dias, inúmeros debates, mutirões, acampamentos, até a chegada ao prédio do Banco Central, em Brasília, onde também fica instalada a sede do Fundo Monetário Internacional (FMI). Os caminhantes levavam duas tarefas na mochila: um abaixo-assinado contra a privatização da Eletrobrás (um dos setores estratégicos colocados à venda no período) e, como objetivo principal, lançar o debate sobre a necessidade de um “Projeto Popular para o Brasil”.

- **Feiras Ecológicas:** a organização e comercialização dos produtos produzidos em Ibiraiaras começaram a ser vendidos na CEASA e, de modo especial em Ibiraiaras, Lagoa Vermelha e Passo Fundo;

- **Luta pela indenização das famílias atingidas pela área indígena:** sem luta as promessas não se tornavam realidade. O Sindicato acompanhou e assessorou os agricultores no processo de reassentamento e indenização efetuadas (pelo Estado) e, igualmente, para que as benfeitorias fossem indenizadas (pela FUNAI);

- **Luta contra a implementação dos transgênicos:** o debate sobre os transgênicos se fez em toda parte, motivando, assim, um maior controle por parte do Ministério da Agricultura.

8º. PERÍODO: 11/2001 a 11/2010 – 9 anos

principais pontos de luta e reivindicações:



Presidente: **Luiz Lazzarotto**

Vice: Vaniamar Zamboni (até 2004) depois, Nelson Barbieri (até 2007) depois, Sergio Pasin.

Secretario: Alfranio Dalcin (até 2004) depois, Ancione Pasin.

Diretor de Finanças: Itamar Baréa.

Diretor de Comunicação: Hermes Toazza (até 2004) depois, Helena Evangelista Sgarbossa.

Diretor de Saúde: Mônica Zanette Marchesini (até 2004) depois, Marilda Gris Sauthier (até 2007) de-

pois, Marcia Zapparoli Tessaro.

Diretor de Cultura, formação e lazer: Volmir Puerari (até 2004) depois, Jaime Pasin (até 2007), Jaime Postal.

Diretor de Política Agrícola: Noemio Cherubin (até 2004) depois, Luidi Tessaro (até 2007) Albenir Concolato.

Conselho Fiscal: Agenor Concolato, Edinei Lazzari e Dorvalina Benedetti (até 2004) depois, Hermes Roque Toazza, Valdemiro Simioni e Noemio Cherubin, Valdemiro Simioni, Jaime Pasin e João Puerari.

Delegados Federativos: Marizete Tedesco e Lino Tonin (até 2004) depois, Jaime Postal e Adroaldo Marchesini até 2007), depois Alfranio Dalcin e Luis Fernando Masiero.

Suplentes: Roseli Piva Zanchet, Olmir Sgarbossa, Giacomo Tochetto, Hermes Puerari, Nacir Cecchin, Sergio Babriero, Ariel Rigo, Fernando Daros
Conselho Fiscal Efetivos: Valdemiro Simioni, Jaime Pasin e João Puerari.

Suplentes: Luiz Festa, João Nogueira Kraemer e Vilmar Todeschini.

Delegados Federativos Efetivos: Alfranio Dalcin e Luis Fernando Masiero.

Suplentes: Elisandro Cherobin e Helio Nepomuceno

Suplentes (de diversos setores): Sergio Pasin, Acelso Cappelari, Nacir Cecchin, Sergio Zimmer, Marines Gris Casali, Rudimar Bernardi, Jacir Benedetti, Odete Lodi, Idenir Stella Liston, Décio Ferraz da Luz, Danilo Tonin, Marines Gris Casali, Vilson Ferraz da Luz, João Roill Kraemmer, Claudiomiro Machado, Jadir Ramkraps, Vicente Frosi, Ilde Maria Cherubin Dalberto, Valdemiro Simioni, Lauro Daros, Bortolo Oscar Rigotti Bertinho Lazarotto, Sergio Zimmer, Jair Giombelli, Edenir Liston e Pedro Piola Hentes, Elisandro Cherobin, Helio Nepomuceno, Roseli Piva Zanchet, Olmir Sgarbossa, Giacomo Tochetto, Hermes Puerari, Nacir Cecchin, Sergio Barbiero, Ariel Rigo, Fernando Daros, Luiz Festa, João Nogueira Kraemer e Vilmar Todeschini.⁴⁹

Além da participação do Sindicato nos eventos regionais, estaduais e nacionais, destaca-se neste período a criação da CREHNOR e a filiação de nosso Sindicato como base da FETRAF-SUL (Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar da Região Sul) que na época congregava mais de 150 sindicatos.

Neste período houve um crescimento significativo do número de agricultores associados ao Sindicato⁵⁰, sobretudo através da criação da CREHNOR⁵¹ que facilitou o acesso ao programa “Minha Casa Minha Vida” e aos pequenos financiamentos para o plantio e aquisição de implementos agrícolas. Ressalta-se, neste período, a contribuição do trabalho de Valdir Zanin, como secretário municipal da agricultura, sempre em parceria com o Sindicato. As reuniões por setores específicos do STR tornaram-se frequentes na própria sede do Sindicato, que também sofreu melhorias⁵².

Nestes anos acontecia em Porto Alegre o Fórum Social Mundial, onde se protestava contra a ALCA e se debatiam muitos temas relacionados à Ecologia, aos transgênicos e os efeitos do modelo da Economia Mundial em ação.

⁴⁹ Percebemos que neste período muita gente esteve envolvida diretamente na gestão do STR.

⁵⁰ Cfr. Ata 345 do dia 17 de abril de 2004, 1.164 associados estavam em dia com suas mensalidades. A Assembleia dos Aposentados do dia 18 de maio de 2004, contou com a presença de 72 associados.

⁵¹ Inaugurada no dia 14 de maio de 2004.

⁵² No dia 7 de outubro de 2003 os ladrões entraram na Sede do Sindicato levando diversos aparelhos como impressora e computadores, causando um prejuízo de R\$10.000,00 (dez mil reais).

Dentre os principais pontos de luta e reivindicações registramos:

- **Celebração dos 35 anos do STR:** a tomada de posse da nova Diretoria aconteceu no dia 10 de novembro de 2001, no salão da comunidade de Santa Lúcia, com homenagem especial às pessoas que assumiram a presidência durante os 35 anos de história do STR.

- **Habitação Rural:** neste período foram liberados os primeiros 40 financiamentos para construção de casas no meio rural de Ibiraiaras, dos 60 programados. Esta foi uma importante conquista pois, muitos agricultores puderam construir novas moradias, especialmente para seus filhos, bem como melhorar e ampliar as suas casas já existentes;



Nesta gestão o **STR de Ibiraiaras Participou:**

- de mobilizações de nível estadual e nacional.
- do Congresso da FETRAF- SUL.
- do 1º. Encontro de mulheres da Agr. Familiar da Região Sul;
- de Eventos Municipais em parceria com outras entidades;
- da Criação do Território Pacto Novo Rio Grande;
- do Congresso da CUT e do Programa Nacional de Biodiesel.
- da organização e realização de “Encontros Regionais de Sementes Crioulas”;
- da Marcha Camponesa por um “Brasil sem fome” e da Marcha Camponesa “Plantando um Brasil Novo”;
- da Mobilização Nacional do MPA para discutir Crédito de Reestruturação da Agricultura Camponesa; da Mobilização do Fumo em Santa Cruz: para discutir preço, classificação e comercialização; da Mobilização da seca e da Marcha dos SEM;
- do Programa pró-Guaíba 219 – Mudas a fundo Perdido;
- das Lutas contra o emplacamento de tratores e pela demarcação de

terras indígenas em áreas de agricultura familiar e por Créditos para Custeio, Investimento e Seguro Agrícola;

- prestou apoio no cultivo da fruticultura (amora e morango);
- marcou presença no Acampamento da Juventude em Ipê;
- realizou Intercâmbios para incentivar a Agricultura Familiar;
- coordenou o “Abaixo assinado para a ampliação da Licença Maternidade”.

- promoveu Cursos: - de formação em parceria com a FETRAF-SUL com a UFFS e MDA. PRONATEC-CAMPO (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico no Campo);

- marcou presença no Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre (2001- 2005);

- continuou a luta por um preço justo do leite;
- criou novos grupos do MPA em Ibiraiaras e região;
- participou da Mobilização Nacional do MPA, esteve presente no 2º. Encontro Nacional do MPA em Rondônia e no Encontro Estadual do MPA em Santa Cruz entre os dias 26 a 30 de novembro de 2002, tendo Olmir Sgarbossa como coordenador dos representantes de Ibiraiaras. Neste período surgiu também a AMPAI (Associação municipal dos pequenos agricultores de Ibiraiaras) que, em parceria com a Prefeitura Municipal fez surgir a Quitanda Campesina até hoje servindo à comunidade.

Neste período ressaltamos sobretudo as conquistas:

- do PNHR – Programa Nacional de Habitação Rural;
- do PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar;
- do Cartão Emergencial (auxílio por estiagem);
- da criação da CREHNOR;
- da criação da Rádio Comunitária.

Em entrevistas com Luiz Lazzarotto⁵³ e Afranio Dalcin⁵⁴ colhemos os seguintes depoimentos:

Luiz Lazzarotto:

“Trabalhei no Sindicato desde os tempos do Rogério Guadagnin e do Ari Benedetti. Naqueles tempos os pequenos agricultores, não tinham acesso ao crédito, só os grandes é que tinham. Além disso, existia uma grande demanda na área da habitação que era um dos projetos históricos. A gente discutia como tinha muito recurso para se fazer casas na cidade e não tinha para o interior?”

Ajudei na criação do programa “Minha Casa Minha Vida” que existe até hoje. Ficamos na Caixa Econômica de Passo Fundo, durante 60 dias e desenvolvemos um Projeto Piloto que serviu para todo o Rio Grande do Sul, na época em que o Olívio Dutra era governador. Foram construídas 2.031 casas no Rio Grande do Sul, em 219 municípios. Esse projeto tem sido premiado à nível internacional. Depois o Olívio virou Ministro das Cidades e implementou o programa Minha Casa Minha Vida à nível nacional. Na verdade, só se conseguiu isso com muita mobilização junto à Caixa Federal e ao Banco do Brasil. Prova disso é que nosso Sindicato tem sido um exemplo para toda a região, no sentido de construção de casas no interior.

Outra conquista foi o tal de “Pronaf com subsídio”. Na época chegamos a ter 80 grupos organizados, numa região de abrangência que ia para além dos limites do município de Ibiraiaras, mantendo reuniões periódicas à noite com todos eles. Nestas reuniões, além de ouvir os anseios dos agricultores, se discutia soluções de como agregar renda em suas propriedades. O Pronaf, com juros de 2% ao ano, é um financiamento que tem ajudado muitas famílias a se reestruturarem seja com equipamentos, seja para poder plantar as próprias lavouras.

Também no meu tempo, trabalhando junto com o Afrânio Dalcin, além da Rádio Comunitária, que é um espaço que a gente tem, criamos a CREHNOR em 2003/4, que tem ajudado muito na liberação dos Pronaf, cerca de 40% dos projetos passaram pela Crehnor.

Aqui em Ibiraiaras tínhamos grupos do MPA em todas as comunidades. Além do Sindicato, do MPA, a gente tinha uma organização de nível maior onde a gente se articulava para discutir nossa pauta de reivindicações com o governo estadual e federal.

⁵³ A entrevista aconteceu na manhã do dia 21.09.2016, na sede da CREHNOR de Ibiraiaras.

⁵⁴ O texto a seguir é o resumo do escrito que recebemos por e-mail de Afranio Dalcin, atual Diretor Presidente da CREHNOR Ibiraiaras, datado de 22.09.2016 e, posteriormente revisado pelo mesmo.

Outro setor no qual nos empenhamos bastante foi em relação a questão do leite. Fizemos diversas mobilizações em frente a Parmalat e outras onde conseguimos melhorar a questão da produção e ganhos para os agricultores.

A experiência que fui tendo ao longo desta caminhada me ensinou que não podemos radicalizar em nossas opiniões. Toda liderança precisa saber discutir no coletivo, respeitando também a compreensão e a visão dos demais. Tem gente que não tem paciência, não tolera qualquer discordância de sua opinião e aí as pessoas se afastam. Ninguém é dono da verdade e precisamos respeitar a caminhada dos demais, por vezes um tanto lenta na nossa maneira de entender. Durante anos estivemos ligados ao MPA, mas lá pelas tantas, com o Acampamento do Trevo de Sananduva houve um racha, mas isso foi ainda no tempo do Ari Benedetti. Depois nosso sindicato se filiou ao FETRAF-SUL e, mais recentemente ao SINTRAF-RS”.



Afrânio Dalcin:

“Percebendo que os pequenos agricultores de Ibiraiaras e região estavam abandonados à própria sorte, sem acesso ao crédito e muitas vezes sentiam-se explorados, resolvemos criar uma Cooperativa de Crédito mais simples, que pudesse ser um instrumento acessível para todos. Com certeza, a Crehnor foi ao encontro destes anseios dos pequenos agricultores, fortalecendo sua organização e criando melhores condições de produção. Desta forma a Crehnor tem colaborado na permanência de muitas famílias na importante atividade da agricultura familiar.

A Crehnor tem como objetivo propiciar crédito e prestar serviços de modo mais simples e vantajoso para seus associados, com vantagens econômicas e sociais buscando apoiar e aprimorar a produção, a produtividade e a qualidade de vida, bem como a comercialização dos bens produzidos.

A Crehnor (Sistema de Cooperativas de Crédito Rural Nordeste), dirigida por pequenos agricultores e vinculada ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras, foi criada no dia 20.06.2003 e inaugurada oficialmente em 14.05.2004, com 350 associados.

Hoje a Crehnor Nordeste está ampliando ainda mais a sua área de atuação, envolvendo cerca de 3.500 famílias de pequenos agricultores organizados na busca de melhores condições de manutenção na atividade agrícola, através de créditos como custeio agrícola, investimento e crédito habitação.

A atual Sede Social e Administração situa-se na Rua João Luiz Canevese, 600, na cidade de Ibiraiaras, com Postos de Atendimento nos Municípios de Gentil, São Jorge, Mato Castelhana, Lagoa Vermelha, Nova Prata, Marau e Caseiros.



A Cooperativa tem por objeto social: o desenvolvimento de programas de poupança, de uso adequado do crédito e de prestação de serviços, praticando todas as operações ativas, passivas e acessórias próprias das cooperativas de crédito. Tem também como uma de suas preocupações a formação educacional de seus associados no sentido de fomentar o cooperativismo.



Neste ano a Crehnor se uniu à Cresol, formando um único Sistema. Com esta união, Cresol e Crehnor passarão a trabalhar com mais de 200 mil famílias cooperadas em nove estados brasileiros. As duas centrais filiadas a Confesol (Confederação das Cooperativas Centrais de Crédito Rural com Interação Solidária) possuem projetos, estruturas e planejamento muito próximos, o que facilita o processo e ajustes da unificação. De acordo com o Diretor Presidente da Crehnor Central, Waldemar Alves de Oliveira, essa fusão é de fundamental importância para a Crehnor. “Iniciamos as conversas em novembro, nas comemorações dos 20 anos da Crehnor e após cinco meses chegamos a esta decisão que vai colaborar na busca de mais produtos e serviços para o atendimento aos nossos associados”.

Segundo o Conselheiro Presidente da Central Cresol Baser, Alzimiro Thomé, por ocasião do ato oficial da filiação da Crehnor ao Sistema Cresol, esta foi uma decisão muito importante para o fortalecimento de nossas cooperativas de crédito: “Nós, enquanto direção da Cresol e Crehnor, tivemos muitos momentos e conversas enquanto Confederação, discutimos com BNDES, Banco Central e agora temos, a partir da filiação, certeza que poderemos compartilhar boas experiências e colher bons frutos”.

A Crehnor contribuiu inclusive para o aumento no número de associados ao Sindicato, passando de 900 para mais de 1.300 filiados.”

9º. PERÍODO: 11/2010 a 11/2013

principais pontos de luta e reivindicações



Presidente: **Albenir Concolatto.**

Vice-presidente: Nelson Barbieri.

Secretário: Sergio Pasin.

Diretor de Finanças: Itamar Barea.

Diretor de Comunicação: Luidi Tessaro.

Diretora de Saúde: Marilda Gris Sauthier.

Diretor de Cultura Formação e Lazer: Elias Aiolfi.

Diretor de Política Agrícola: Jaime Postal.

Suplentes: Helio Dalberto, Sergio Zimmer, José Stocco de Paula, Luceni Baréa, Alcione Zanette, Roseli

Piva Zanchet, João Puerari e Pedrinho Dalberto.

Conselho Fiscal: Valdomiro Simioni, Fernando Daros e Jovani Polli.

Suplentes: Remi Rigo, Jaime Pasin e Luiz Fernando Masiero.

Delegados Federativos: Luiz Lazzarotto e Agenor Gris.

Suplentes: Vilmar Todeschini e Alfranio Dalcim.

Neste período o Sindicato continuou a luta na defesa dos direitos já conquistados e na busca de novos direitos. Os principais pontos de luta e reivindicações foram:

- Conquista do PNHR – Programa nacional de Habitação Rural.
- Realização do curso PRONATEC-CAMPO.
- Criação do Território Pacto Novo Rio Grande.
- Apoio no cultivo da fruticultura (amora, e morango)
- Filiação do Sindicato, como base da FETRAF-SUL / CUT.
- Implantação do Sistema de gestão no Sindicato.
- Conquista do PNAE.
- Mobilização estadual e Nacional.
- Conquista do Cartão Emergencial (auxílio por estiagem);

- Parceria nos eventos Municipais com entidades do Município.
- Luta contra o emplacamento de tratores.
- Luta contra demarcação de terras Indígenas em áreas de Agricultores Familiares.
- 1º Encontro de mulheres da Agricultura Familiar da Região Sul.
- Acampamento da Juventude em Ipê.
- Curso de formação numa parceria da FETRAF-SUL com a UFFS e MDA.
- Participação no Programa Nacional de Biodiesel.
- Participação do Congresso da CUT.
- Participação do Congresso da FETRAF- Brasil.
- Abaixo assinado para a ampliação da licença maternidade de seis meses.
- Intercâmbios para incentivar a agroindústria familiar.

10º. PERÍODO: 11/2013 a 11/ 2016 – 3 anos

principais pontos de luta e reivindicações



Presidente: **Nelson Barbieri**⁵⁵

Vice: Verena Ana Zwirtes

Secretario: Luceni Baréa

Diretor de Finanças: Jaime Postal

Dir. de Comunicação: Marilda Sauthier
Diretor de Saúde: Inês Dalcim Marchesini

Dir. de Cultura, formação e lazer: Fernando Daros

Dir. de Política Agrícola: Vilmar Todeschini

Suplentes: Sergio Pasin, Luidi Tessaro, Valdomiro Simioni, Elias Aiolfi, Giovan Catapan, Roseli Piva Zan-
chet, Jocelia Volpatto e Albenir Concolatto

Conselho Fiscal: Remi Rigo, Altamir Barbieri e Jovani Polli.

Suplentes: Valdeci Zanin, Otemar Guadagnin e Agenor Gris

Delegados Federativos: Helio Dalberto e Ladir Rigo

Suplentes: Cleiber Chiarentin e Renan Puerari

⁵⁵ A atual Diretoria tomou posse em evento realizado na Capela Nossa Senhora Aparecida.

Neste período ocorreu a desfiliação de nosso Sindicato da FETRAF-SUL e a filiação na FETRAF-RS, assim passou a se chamar **Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar – SINTRAF de Ibiraiaras – RS**.

O Sindicato, agora filiado a SINTRAF-RS, participou de diversas mobilizações em defesa de direitos já conquistados e na luta pela conquista de outros. Dentre os principais pontos de lutas e reivindicações registramos:

- **Participação da Criação da FETRAF-RS:** em Sananduva, com 40 pessoas representando o nosso município. (Antes estávamos filiados a FETRAF-SUL, por isso, a partir de 15 de agosto de 2014 o nosso Sindicato passou a se chamar de Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura Familiar **SINTRAF de Ibiraiaras-RS**. A aprovação dos Estatutos da SINTRAF de Ibiraiaras aconteceu na Assembleia Geral de 25 de fevereiro de 2016 conforme Ata de No. 452, registrada no 5º. Livro de registro das Reuniões de Diretoria, pp. 83b a 85b;

- **Cadastro Ambiental Rural (CAR):** visita a todas as comunidades do Município, orientando sobre o CAR e posterior realização de 450 cadastros a preços acessíveis, bem abaixo do preço de mercado;

- **Imposto Territorial Rural – INCRA e CCIR:**

- **Aposentadoria e auxílio doença:** apoio aos agricultores na redação das Declarações de Aposentadoria e declarações para estudantes ingressarem nas Universidades (busca de arquivos e fichas; Resumo de Blocos), agendamentos e apresentação de documentos. O Sindicato participou de todas as mobilizações realizadas em Porto Alegre, Erechim, Carazinho e Passo Fundo e de várias reuniões de formação e discussão juntamente com a FETRAF-RS;

- **Leite:** negociação com empresas de leite para pagamento do leite em atraso, bem como o ressarcimento do produto perdido junto a RGE, devido à falta de energia elétrica;

- **Reforma do prédio do Sindicato:** com a realização de diversas melhorias.

- **Bruxinhas à serviço da vida:** apoio na participação em cursos do PRONATEC para processamento e secagem de ervas e plantas medicinais fitoterápicos e Mulheres Mil, Sabores Partilhados, Vivendo em Harmonia (ministrados pelas irmãs de São José, em 2014);

- **Curso de Auxiliar de Veterinário: em junho de 2014;**

- **Contratos do Biodiesel;**

- **Assentamento Jaboticabal:** auxílio na busca de documentos e matrícula de terra dos confrontantes, para escrituração de cada imóvel;

- **Protetor solar para agricultores:** mais de 700 cadastros feitos e



protetores distribuídos aos Agricultores. Além disso, o nosso Sindicato promoveu eventos de reflexão e formação por ocasião do “Dia da Mulher” (8 de março) e “Dia do Agricultor” (25 de julho);

- apoio ao grupo Bruxinhas a Serviço da Vida e aos fitoterápicos, e participação na Semana Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas da UPF;

- marcou presença em eventos e conselhos municipais, na participação e intensificação do Programa Nacional de Biodiesel;

- promoveu o Grenal do Interior, com a participação de veteranos e sub-18 (os próximos jogos serão no dia 11 de dezembro no Estádio Jacir Dal Piva).

- organizou os preparativos para a **Celebração dos 50 anos de sua História**, que irá acontecer no próximo dia 10 de dezembro de 2016.

A atual administração está acompanhando com preocupação o processo de tramitação no Congresso e Senado Federal da PEC 241. Segundo Cleonice Back, se esta for aprovada “Todas as políticas públicas e sociais que vínhamos conquistando caminham para a extinção e a próxima bomba é a reforma da Previdência, com aumento de idade mínima e desvinculação ao salário mínimo”.

No dia 07.11.2016 ocorreu a eleição da Nova Diretoria que assumirá no próximo dia 17 de dezembro para um período de três anos. Pela primeira vez, na história dos 50 anos, foi escolhida uma mulher para presidir a entidade: Verena Ana Zwuirtes.



Aqui parte dos componentes da atual e Nova Diretoria (da direita para a esquerda): Jovani Polli, Ladir Jose Rigo, Giovan Catapan, Junior Carlos Festa, Luceni Barea, Luidi Tessaro, Marilda Gris Sauthier, Fernando Daros, Sergio Pasin, Altamir Barbieri, Jaime Postal, Nelson Barbieri e Verena Ana Zwirtes.

Diretoria de 17/12/2016 a 17/12/2019:

Presidente: Verena Ana Zwirtes

Vice-presidente: Jaime Postal

Secretária: Luceni Barea

Diretor de Finanças: Nelson Barbieri

Diretor de Comunicação: Marilda Gris Sauthier

Diretora de Saúde: Inês Dalcim Marchesini

Dir. de Esporte, Cultura e Lazer: Valdemiro Simioni

Dir. de Política Agrícola: Luidi Tessaro

Suplentes: Junior Carlos Festa, Jocelia Cherobin Volpatto, Giovan Catapan, Roseli Piva Zanchet, Albenir Concolato, Elizabete Lúcia Toazza, Dorvalino Frosi e Sergio Pasin.

Conselho Fiscal: Fernando Daros e Altamir Barbieri, Remi Antonio Rigo.

Suplentes: Valdeci Zanin, Otemar Francisco Guadagnin, Renan Puerari,
Delegados Federativos: Jovani Polli, Vilmar Todeschini

Suplentes: Agenor Gris e Ariel Antonio Rigo. “Quando o povo acordar, alguns políticos não irão mais dormir”.

CONCLUINDO

Se observarmos a caminhada dos 50 do STR como um todo, perceberemos que o nível de engajamento e conscientização dos agricultores associados passou por diferentes fases de crescimento e desilusões.

Nos primeiros anos, sobretudo no início, predominava um clima de desconfiança em relação à força do próprio Sindicato como órgão reivindicatório na busca de direitos para a classe dos trabalhadores na agricultura. Essa desconfiança tinha sua razão de ser, na medida em que, até então, somente os grandes proprietários gozavam de certas vantagens como subsídios para empréstimos na compra de máquinas e insumos para o plantio ou a criação de gado e outros. Poucos agricultores tinham consciência de que, como pequenos agricultores, produziam a maior parte dos alimentos da população brasileira e, por isso mesmo, deveriam ser mais valorizados pelo governo. Existia um certo sentimento de inferioridade.

No cenário político os grandes proprietários tinham seus representantes e os pequenos agricultores, só lembrados por ocasião das campanhas políticas, estavam abandonados à própria sorte. Basta lembrar de que somente na década de mil novecentos e sessenta é que se fundou a FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura). Até então, um sindicato formado por pequenos proprietários era uma novidade. Aposentadoria, auxílio doença e outros direitos, eram apenas para quem trabalhava na cidade e com carteira assinada.

O STR, hoje SINTRAF-RS, como órgão representativo dos pequenos agricultores foi sendo construído aos poucos e a duras penas, visto que surgiu nos tempos da ditadura militar, quando temas como Reforma Agrária e sindicalismo, eram tabus, quando não associados ao comunismo e a baderneiros. Reforma Agrária para muitos, até nossos dias, continua sendo o mesmo que entregar terra de mão beijada para gente que não trabalha⁵⁶. Aliás, esta mentalidade ainda está impregnada na mente de muitos pequenos agricultores descendentes de imigrantes europeus. Desconhecem ou se esqueceram de que seus ancestrais eram gente “*sem terra*”⁵⁷, em seus países de origem: Itália, Alemanha, Polônia...

Pouco a pouco, os pequenos agricultores foram tomando consciência de sua importância e de seus direitos, pois, além de contribuírem com o pagamento de impostos, são indispensáveis como produtores de alimentos para a nação como um todo.

⁵⁶ O que tem sua razão de ser na medida em que no Brasil nunca tivemos uma verdadeira Reforma Agrária. O que tivemos, na maioria das vezes, foi uma má distribuição de terras sem maiores critérios de seleção de pessoal e falta de acompanhamento posterior com relação a direitos e deveres.

⁵⁷ L'albero degli *zoccoli* é um filme de 1978 dirigido por Ermanno Olmi, vencedor da Palma de ouro do 31º. Festival de Cannes. O filme “*A árvore dos tamancos*”, retrata a situação dos “*sem terra*” do Vêneto, na segunda metade do século XIX.

Nas primeiras décadas o STR se comportava perante a sociedade de forma ainda muito tímida. A concentração dos agricultores se limitava praticamente às Assembleias Gerais e, em raras ocasiões, para reforçar alguma reivindicação em andamento. Não existia aquele espírito combativo e reivindicatório característico do final da década de oitenta e durante a década de noventa. A conquista dos primeiros direitos, como a aposentadoria de ½ salário mínimo para os homens, os primeiros empréstimos subsidiados, o FUNRURAL, o PRONAF, etc, despertaram maior confiança na força e serventia de sua entidade representativa.

As maiores dificuldades do STR surgiram durante os primeiros anos da década de oitenta. A conjuntura sócio-política e econômica vivida naqueles anos foi difícil para todos, a esta crise se fez sentir também no próprio Sindicato. Foi um tempo de descrédito que afetou também o interesse dos agricultores pelo seu Sindicato. Isso se fazia notar sobretudo pela pouca presença dos agricultores nas Assembleias Gerais daqueles anos. Contudo, em meio a esta crise se descobriram novos métodos de envolvimento da classe dos pequenos agricultores. Isso aconteceu, sobretudo a partir da avaliação que o próprio Sindicato fez de si mesmo. A pergunta desafiadora era: O que fazer para que STR não se limite ao assistencialismo de seus associados? Qual é o papel do Sindicato como entidade reivindicatória? O que fazer para tornar o Sindicato um órgão combativo, respeitado e assumido pelos seus associados?

Acertadamente se partiu para o estudo e para a partilha de responsabilidades. Um dos grandes méritos do Sindicato foi o envolvimento e a valorização da mulher trabalhadora rural. A formação de um grande número de lideranças foi decisiva nessa guinada histórica do STR. Com um número maior de lideranças foi possível multiplicar as reuniões com os agricultores em suas próprias comunidades (Capelas). E o resultado disso se fez sentir com o crescimento significativo de agricultores presentes nas Assembleias Gerais e resposta imediata nas Mobilizações convocadas pela Diretoria. Essa mudança de estratégia foi muito salutar. Daí por diante cresceu também a autoestima e apreço dos agricultores com o seu Sindicato e, conseqüentemente, as lutas por novas conquistas se fizeram mais fortes.

O Sindicato foi se adaptando no tempo e no espaço segundo as exigências de cada época. As reivindicações por certos direitos, como a aposentadoria e auxílio saúde, são muito antigas. Os frutos foram surgindo aos poucos: aposentadoria de um salário para as mulheres aos 55 anos e aos 60 para os homens; Salário maternidade; melhor valorização dos produtos agropecuários; Subsídio diferenciado para a agricultura familiar (proraf e pronafinho);

Financiamento da Casa Própria; o surgimento da CREHNOR, entre outros. Talvez se possa afirmar que o Sindicato soube manter aceso o interesse de seus associados em alta até os dias atuais.

Cabe aos membros de cada Diretoria do STR a missão de manter vivo o interesse geral de seus associados. Com certeza as conquistas não dependem apenas desta ou daquela diretoria, mas sobretudo do espírito comunitário de cada associado ou associada.

A construção de um Sindicato forte pressupõe o compromisso de todos os seus associados de lutarem juntos pela conquista e defesa de seus direitos... *“todos por um e um por todos”*. Quem é sócio do Sindicato sabe que o faz por uma questão de solidariedade com todos os demais e não apenas para buscar interesses particulares. Diria que ser associado ao Sindicato é, sim, questão de honra e de consciência política.⁵⁸

⁵⁸ Neste dia 07.11.2016, antes de entregar este material para ser editado, recebi a notícia de que acaba de ser escolhida a Nova Diretoria do SINTRAF-Ibiraíaras, para o próximo período, sendo que foi eleita - pela primeira vez na história do Sindicato - uma mulher para presidir a entidade: **Verena Ana Zwirtes**. A ela nossos parabéns e a todos os componentes da Nova Diretoria, votos de que possam realizar um bom trabalho em prol da defesa dos direitos dos agricultores e agricultoras de Ibiraíaras.

ANEXOS

A trajetória do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ibiraiaras caminhou junto com a história da FETAG, depois da FETRAF- SUL e por último, com a SINTRAF-RS. Por isso, mesmo que colocada como anexo, no final deste livro, julgamos importante que cada membro do Sindicato tenha oportunidade de conhecer esta caminhada, pois, assim, terá uma compreensão mais abrangente de sua própria história. É importante que nos sintamos unidos e que fizemos parte de uma grande e forte organização de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de nosso Estado. A melhoria das condições de vida das famílias ligadas à agricultura familiar, não caiu do céu, ao contrário, foram conquistadas a duras penas, fruto de longas e duras lutas de todos os membros filiados aos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais do Rio Grande do Sul e do Brasil.

Merece especial atenção o MMTR (Movimento das Mulheres da Roça) que, contribuíram muito, sobretudo para que surgissem as “Bruxinhas a Serviço da Vida”. Por isso, a seguir colocamos uma síntese sobre sua história e atuação em Ibiraiaras.

ANEXO 01:

MMTR: Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais⁵⁹

“É uma ferramenta de luta e organização das mulheres trabalhadoras rurais. Busca envolvê-las e cativá-las para juntas irem mudando as relações entre mulheres e homens, a fim de que, a igualdade, o respeito, o diálogo, sejam valores e práticas do dia-a-dia. Estas mudanças é que vão enraizando um novo jeito de ser, de produzir, de decidir, de se relacionar, de viver o amor, a justiça, a ternura... que são a base de uma nova sociedade”.

“É um movimento classista e popular, ou seja, as mulheres trabalhadoras rurais integram o MMTR: movimento aberto à todas as mulheres, sem distinção de raça, religião, idade e posição partidária”.

“É um movimento que respeita as decisões tomadas pela maioria, vivendo a democracia, o respeito, o companheirismo, a solidariedade, a amizade, o carinho e a coragem”.

⁵⁹ Julgamos importante deixar registrado neste livro a história do MMTR em Ibiraiaras. Para tanto nos servimos de depoimentos de algumas mulheres que viveram essa história e de um fascículo publicado pela Gráfica Battistel, Passo Fundo, 2001, intitulado **MMTR de Ibiraiaras, Bruxinhas a Serviço da Vida**.



Primeira coordenação municipal das Mulheres de Roça de Ibiraiaras – 1987.

*“É um movimento que respeita a luta pela vida em todas as suas formas existentes e tem como lema: **Mulher que luta organizada gera a nova sociedade**”.*

“É um movimento que luta pelo fim da discriminação que as mulheres sofrem, seja na família, na sociedade, tanto no aspecto social, cultura, econômico, político ...”

Como surgiu o MMTR?⁶⁰

O MMTR de Ibiraiaras teve início em 1986, de forma articulada com outros municípios da região. Possui uma Direção Municipal que coordena os Grupos de Base e se articula com os níveis Regional, Estadual, AMMTR-Sul e ANMTR-Nacional.

Bandeiras de lutas e conquistas:

- reconhecimento da profissão de trabalhadora rural;
- salário maternidade;
- aposentadoria para mulheres aos 55 anos com salário integral;
- auxílio por acidente de trabalho;
- reconhecimento e valorização do trabalho com plantas medicinais. e busca de alimentação saudável.

⁶⁰ Gessi Bonês Benedetti foi uma das principais líderes do MMTR da região. Seu trabalho, juntamente com outras mulheres, foi tema de pesquisa e dissertação de mestrado: SUSTAINING ACTIVISM. A Brazilian Women's Movement and a Father-Daughter Collaboration de Jeffrey W. Rubim and Emma Sololoff-Rubin. Duke University Press Durham and London, 2013.



Alguns resultados da luta das mulheres e trabalhadores rurais:

- 1991 – aposentadoria aos 55 para a mulher e aos 60 anos para o homem;
- 1992 – benefícios por Acidente de Trabalho;
- 1994 – salário maternidade;
- 1998/99 – implantação do “Centro Fitoterápico” ou Centro de Prevenção da Saúde.

A Cartilha produzida pela AIMTR-Sul (Articulação de Instâncias de Mulheres Trabalhadoras Rurais 5 Estados do Sul) foi um importante instrumento de conscientização das mulheres para a busca de documentação e valorização das trabalhadoras rurais. A mulher do meio rural, antes totalmente dependente do marido, passa a assumir funções e compromissos por própria conta. Como a própria Cartilha diz: “Nosso papel na história está mudando. Somos capazes de trabalhar, produzir, gerar, educar, portanto, devemos decidir os rumos que queremos para a nossa vida e para a sociedade”.⁶¹

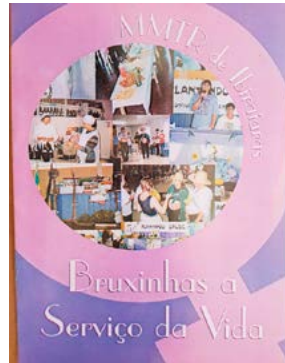
Os documentos buscados eram: Carteira de Identidade, CPF, Título Eleitoral, Certidão de Casamento/Casamento, Carteira de Sócia do Sindicato. Também documentos que comprovam a profissão e o tempo de atividade rural: bloco de notas de produtora rural, Talão do Incra, Contrato de Arrendamento, Carteira de Trabalho e Previdência Social. E ainda: Carteira de Identificação e Contribuição da Segurada Especial (trabalho na agricultura em regime de economia familiar), DAV – Declaração anual das operações de venda (entregue na agência do INSS).

É papel do STR esclarecer e encaminhar os agricultores em busca de seus direitos. Os direitos dos agricultores e agricultoras, que trabalham em regime de economia familiar, são os seguintes:

⁶¹ AIMTR-Sul. *Nenhuma Trabalhadora Rural Sem Documento*. Curitiba: Cartilha Formação e Informação, No. 01, 1994. P. 07.

1. **Salário Maternidade** – por ocasião do parto;
2. **Aposentadoria por idade:** 55 anos para as mulheres e 60 para os homens;
3. **Aposentadoria por invalidez:** aos que se tornaram definitivamente incapazes para o trabalho, mediante comprovação médica do perito do INSS;
4. **Auxílio Doença:** para quem, por um período de no mínimo 15 dias, está incapaz de trabalhar, mediante comprovação do médico perito do INSS;
5. **Pensão por morte:** tem direito as mulheres, quando o marido vier a falecer;
6. **Benefício por Acidente de Trabalho:** encaminhado junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

A partir do MMTR, com o apoio do STR foram surgindo alguns serviços com objetivos específicos das mulheres trabalhadores rurais, como:



ANEXO 02: ***BRUXINHAS A SERVIÇO DA VIDA***

Bruxinhas – resgatando a sabedoria popular daquelas mulheres apelidadas de “bruxas”, que antigamente e no passado recente trabalhavam com plantas medicinais, benziam e, muitas delas beneméritas parteiras, nem sempre foram valorizadas. Ao contrário, houve tempos em que foram perseguidas e até queimadas vivas porque através de plantas medicinais, em harmonia com a natureza, realizavam verdadeiros prodígios em benefício da saúde de seu povo, infelizmente interpretados como magia negra. As bruxinhas não usam vassouras nem praticam maldade, mas sim peneiras cheias de ervas medicinais que a mãe natureza nos oferece.

A Serviço da vida – seu trabalho, integrado na comunidade, é voluntário e em prol da defesa, promoção e preservação da vida. Tal serviço se concretiza no Centro de Prevenção da Saúde.

HISTÓRIA⁶²:

O Centro de Prevenção à Saúde “**Bruxinhas a Serviço da Vida**” de Ibiraiaras nasceu a partir do debate nos grupos de base do MMTR (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais), onde sentiu-se a necessidade das mulheres terem alternativas para cuidar da sua saúde e de sua família.⁶³

Em 1999 e 1991, algumas companheiras, Gessi Bonês, Ines Dalcin Marchesini, Odete Lodi Toazza, Monica Zanetti Marchesini e outras, foram fazer um curso de especialização sobre “fitoterápicos”, abrangendo Altos da Serra, durante um ano. Nos anos de 1998 e 1999, 50 mulheres dos grupos de base de Ibiraiaras participaram de um mutirão formativo nesta área. A partir de então se formaram 9 grupos de base, onde o trabalho mais concreto é na linha da promoção à saúde com informações relacionadas aos direitos das trabalhadoras rurais, como o Salário maternidade e a Aposentadoria.

Aos poucos, além do grupo da Sede, foram surgindo outros grupos que trabalham com plantas medicinais: “Somos Filhas da Terra”- na Aparecida; Unidas somos Fortes – em Santa Clara; “Organizadas Venceremos”- no Sagrado Coração de Maria e “Unidas em Busca do Novo”- na Palmeira.



Todo trabalho com ervas medicinais é feito em rodízio, proporcionando a participação de todas as mulheres organizadas nos grupos.

As Bruxinhas a Serviço da Vida têm como **princípios de ação**:

- transformar ervas medicinais em medicamentos fáceis de usar e duráveis como: pomadas, xaropes, tinturas e elixires;
- atendimento à pessoa inteira (saúde integral), dando preferência aos mais pobres;
- contribuição espontânea no trabalho e na partilha dos remédios;
- formação permanente e global das Bruxinhas a Serviço da Vida.

⁶² O escrito a seguir é fruto do relato de Ines Dalcin Marchesini, responsável pelo setor saúde.

⁶³ MMTR de Ibiraiaras – Bruxinhas a Serviço da Vida. Passo Fundo: Gráfica Battistel, 2001(?)

E como **objetivos**:

- resgatar a sabedoria popular (índios e bruxos) na confecção e uso da medicina natural;
- apontar caminhos alternativos para a cura e saúde integral;
- formar grupos de pessoas conscientes da importância da luta pela vida, por mais justiça e participação nas decisões políticas no Município, no Estado e no país, conforme orientações do MMTR.

As Bruxinhas à serviço da vida, em seu processo formativo, participaram ainda de:

- visita ao “Horto Florestal” de Mato Castelhana e Palmeira das Missões;
- “Curso sobre sucos” e outro sobre “Agroindústria” promovido pela CETAP, ambos em Ipê;
- 10º. Encontro técnico de biodiversidade “Plantando Saúde”;
- “Cursos de capacitação em Alimentação Alternativa e Plantas Medicinais; etc.

Outros cursos foram acontecendo ao longo dos anos seguintes. Em 2015 (e 2016), através da Karine Tessaro, estudante de Ciências Biológicas, fomos convidadas e colaborar na “Semana Acadêmica” promovida pela UPF (Universidade de Passo Fundo):



Todas as quartas-feiras, as Bruxinhas à serviço da vida se reúnem no chamado “Centro de Prevenção da Saúde”, localizado no prédio do STR, que cedeu três salas de suas dependências para secagem, manipulação de elexires, destilados, etc, bem como serviços de massagem. Através de um Projeto as “Bruxinhas à serviço da vida” conseguiram, junto ao governo do Estado, nos tempos do Olívio Dutra, adquirir equipamentos que auxiliam na secagem de

ervas medicinais, na produção e na conservação dos medicamentos fitoterápicos, como: destilador, geladeira, liquidificador, painéis, bacias, etc.

Os fitoterápicos, produzidos pelo Centro Fitoterápico e/ou **Centro de Prevenção da Saúde** das Bruxinhas à serviço da vida - isentos de venenos, 100% naturais/ecológicos - colocados à disposição da comunidade, são, especialmente: xaropes, elexires, shampoo, pomadas, essências, destilados, florais e sabonetes.... além de granolas, multimistura e alimentação suplementar. Estes produtos são comercializados na Quintanda Campesina⁶⁴ de Ibiraiaras, no Sindicato e na Feira do Produtor ecológico de Lagoa Vermelha e Passo Fundo⁶⁵.

O Hino das Bruxinhas expressa um pouco do teor e qualidade deste importante trabalho em prol da saúde das pessoas:

*“É nas matas e nas florestas que a bruxinha
encontra a erva para curar. É o amor que revela a arte de usar
a erva e a transformar. É em grupo com as companheiras
que a bruxinha aprende o jeito de curar.
A ternura que a bruxinha espalha
é o grande tempero da sua missão.”*



ATUALMENTE⁶⁶

O “**Centro de prevenção da saúde**” - local onde as Bruxinhas à Serviço da Vida trabalham – ocupa atualmente três salas do prédio do STR. Uma das salas é para manipulação dos fitoterápicos, outra para depósito das ervas e demais produtos necessários para a preparação e embalagem dos remédios. Além disso temos a “sala de massagens” onde atua a companheira, massoterapeuta, Marilda Grís Sauthier.

“Quando começamos éramos companheiras de 8 comunidades: Aparecida, São Cristóvão, Santa Lúcia, São Pedro, Santa

⁶⁴ A Quintanda Campesina, situada no pavilhão construído e de propriedade da Prefeitura Municipal de frente a uma das esquinas da Praça Central, foi criada com a finalidade de facilitar a comercialização de produtos ecológicos produzidos pelos agricultores.

⁶⁵ Muitos dos produtos do Centro de Prevenção da Saúde são enviados pelo Correio: para Santo Angelo, Santa Cruz do Sul, Farroupilha, Carlos Barbosa, Tamandaré do Sul... e até para Gurupi (TO) e a Argentina.

⁶⁶ O presente depoimento foi apresentado por Ines Dalcim Marchesini, uma das Bruxinhas à Serviço da Vida, no dia 21 de setembro de 2016, nas dependências do STR de Ibiraiaras.

Clara, Santo Antônio, São Sebastião, Sagrado Coração de Maria e da Cidade. Hoje apenas 4 destas comunidades continuam firmes neste serviço: Aparecida, São Cristóvão, Santa Lúcia e São Pedro.

A coordenação dos trabalhos realizados aqui no Centro de prevenção da Saúde está a cargo da Rosa e comigo (Ines D.M.). A venda dos produtos acontece em vários locais: aqui na sede do STR; na Quitanda Campesina - onde diversos produtos ecológicos são disponibilizados ao público - está a cargo das companheiras Odete Lodi Toazza e Marines Gris Casali e na Feira de Produtos Agrícolas em Lagoa Vermelha, onde há muita procura, sendo que este trabalho é muito bem executado pela nossa companheira Elizabete Toazza. É bom ressaltar que nosso trabalho não visa lucro e que todo o dinheiro arrecadado com a venda de remédios fitoterápicos tem como objetivo repor as embalagens, vidros, e componentes utilizados como: mel, açúcar mascavo, álcool, vaselina, cera de abelha, própolis e outros produtos necessários para a fabricação de sabonetes, shampoos, etc. Na verdade só duas pessoas, eu e a Rosa Appio Vanzetto, como responsáveis pela coleta e secagem das ervas, pela limpeza do ambiente, lavagem das toalhas e jalecos, recebemos uma diária de R40,00 nos dias em que trabalhamos.

Aqui no **Centro de prevenção da Saúde** produzimos:

Elixires: composto de tinturas que podem ser misturados com o objetivo de sanar uma determinada enfermidade, sendo que os mais procurados são os elixires do ácido úrico, da alergia, da bexiga, da circulação, do colesterol, da diabete, da gripe, dos rins, dos vermes, das hemoroidas, da inflamação, da meno-pausa, da menstruação abundante, dos nervos, da pressão alta, das pedras, da próstata, da prisão de ventre, do pulmão, do reumatismo, tônico e das dores em geral.

Pomadas: extração do princípio ativo das ervas através de substâncias oleosas (banha, azeite, vaselina, cera de abelha). As pomadas mais procuradas são: as pomadas da alergia, da pele, do reumatismo, da alergia, das varizes, cicatrizante, energizante, calminex, milagrosa, de calêndola e de própolis.

Em menor escala produzimos: **essências, destilados, florais e sabonetes...** além de **granolas, multimistura e alimentação complementar.**

ESTUDO E FORMAÇÃO

Nosso grupo participa com frequência de cursos de formação relativos à saúde e bem-estar da família, como por exemplo:

Plantando Saúde: este curso realizado em 2002, abrangendo a região Alto da Serra, teve quatro etapas, com a duração de 60 horas e participação de duas companheiras de cada comunidade. Foi a partir deste curso que se originou o nosso “**Centro de Prevenção da Saúde**”. Como preparativos para a organização de nosso Centro, em 2003 a 2005, estivemos viajando pela região litorânea e outros lugares, visitando e aprendendo com a experiência de outros Centros, que já têm uma certa caminhada com produtos fitoterápicos.

UNISINOS: onde, em 2005, tivemos um curso sobre Plantas medicinais: histórico, reconhecimento, herbário e farmácia fitoterápica, com o Formador Clemente José Steffens e Virginia Koch.

De recepção, Secretariado e Atendimento: realizado em 2014, de janeiro a março, com duração de 34 horas aula e exigência de 100% de presença.

Produtos de frutas, hortaliças e ervas aromáticas por secagem e desidratação: promovido pelo PRONATEC, no período de 16 de setembro a 11 de dezembro de 2014, com duração de 200 horas. Participantes: Elizabete Toazza, Igenes Dalcim Marchesini, Janete Sauthier Barbieri, Ivete Sauthier Zimmer, Manrines Gris Casalli, Marilda Gris Sauthier, Odete Lodi Toazza, Rosa Appio Vanzetto, Odete Lodi, Verena Ana Zwirtes e Salete Sauthier Gris.

Plantas bioativas e homeopatia popular: na UPF (Universidade de Passo Fundo), com duração de 24 horas. Participantes: Elizabete Toazza, Igenes D. Marchesini, Janete Sauthier Barbieri, Dirceu Francescato e Verena Ana Zwirtes. Também participaram pela Pastoral de Saúde da paróquia Albani Cazanatto Pasin e Iria Vassoler Barbieri e o motorista Dirceu Francescato.

Semana Acadêmica da UPF de 2016: fomos convidadas (Elizabete, Igenes Janete, Marilda e Verena) a expor aos alunos de biologia e enfermagem nosso trabalho sobre fitoterápicos, com demonstrações e explicações de como colher e preparar em laboratório os xaropes, elixires e pomadas.

Nosso grupo também é responsável por alguns eventos especiais ligados à mulher trabalhadora rural de Ibiraiaras, como:

Comemoração do Dia da Mulher, 8 de março: nesse dia, nos últimos 5 anos, contratamos um palestrante, com sorteio de brindes para todas as mulheres que se fizerem presentes. Graças ao apoio do STR, da Prefeitura, da Coopibi, Secredi, Crehnor, da Paróquia, da Emater, da Quitanda, CRAS e Clube União nesse dia cada mulher tem transporte e comes e bebes gratuitos, participam de brincadeiras e concorrem ao sorteio de brindes. Nos últimos anos conseguimos reunir mais de 500 mulheres em cada encontro;

Romaria das águas: partindo da casa do imigrante seguimos a pé até uma comunidade escolhida em cada ano. Nós, Bruxinhas à Serviço da Vida, nos responsabilizamos por uma das paradas celebrativas;

Semana da Família: somos responsáveis pela animação litúrgica de uma das noites do Tríduo da Festa de Nossa Senhora da Salete, uma das mais concorridas de Ibiraiaras.

ANEXO 03:

Depoimento de Nilso Antonio Pietta⁶⁷:

“Eu estava trabalhando no Escritório de Contabilidade dos Srs. Nelson Marafon e Valmir Nardi, quando em abril de 1985 fui procurado pelo então presidente do STR Arnildo Perinotto, a fim de que viesse a trabalhar no Sindicato. O Sindicato precisava de um Profissional que atuasse na área de Cadastramento de Terras junto ao INCRA.

Comecei a trabalhar efetivamente no STR no dia 02.05.1985 e a partir de então acompanhei a evolução com o passar dos anos. Sempre trabalhei por vocação, buscando o melhor para os associados desta entidade que já faz parte de minha vida.

Hoje, depois de 28 anos de serviço junto ao STR, me sinto muito agradecido pela oportunidade de ter e de continuar a ajudar os associados. Neste período criei muitas amizades com os associados, resolvi parte de seus problemas, tanto dos que já se foram como dos que ainda restam. Para mim foi uma experiência de vida junto aos agricultores e deixo a todos o meu agradecimento”.

ANEXO 04:

Depoimento de Clevis Appio⁶⁸:

“O Início de minha participação no STR se deu através da Pastoral da Juventude onde o Reogério Guadagnin provocou, via debate de grupos de jovens, já organizados nas comunidades, discutindo os problemas existentes no meio rural e qual a função do STR. Naqueles debates nos demos conta de que o STR daquela época cumpria meramente a função assistencialista, sem uma atuação mais combativa na defesa dos interesses dos agricultores.

⁶⁷ Nilso A. Pietta é pessoa benemerita do STR de Ibiraiaras, hoje SINTRAF. Muito tem colaborado e continua trabalhando em favor dos agricultores *por vocação*. Ele é a solução para resolver o problema de muitas pessoas que precisam de documentação. Nilso viveu intensamente a história do Sindicato, sempre desempenhou o seu trabalho com dedicação e, de certa forma, faz parte insubstituível da história do glorioso Sindicato dos trabalhadores na agricultura de Ibiraiaras.

⁶⁸ Clevis Appio reside atualmente em Farroupilha, RS.

Iniciou-se então a articulação de um grupo que passou a discutir uma proposta para mudar o jeito de atuar do STR. Montamos uma chapa, tendo como presidente o Rogério Guadagnin, que foi escolhida na eleição ocorrida no ano de 1983. A partir de então foi sendo intensificado o debate com os agricultores sobre a função do sindicato e quais os rumos a tomar a fim de que suas reivindicações fossem levadas adiante.

Uma das principais e primeira bandeira de luta foi a questão previdenciária, já que somente o homem podia se aposentar e com apenas ½ salário mínimo e apenas aos 65 anos de idade. Nas caravanas que se fez para Brasília incluíamos a mulher trabalhadora rural aos 55 anos e o homem aos 60, no valor de um salário mínimo.

Uma das constantes preocupações do STR foi manter uma boa organização e diálogo com as bases, através de escolhas de líderes em todas as comunidades e reuniões sistemáticas para planejamento das ações do STR. As principais bandeiras de luta daquele tempo eram:

- Reforma Previdenciária;
- Políticas públicas diferenciadas e voltadas para a agricultura familiar;
- Formação dos agricultores;
- Experiências alternativas para agricultura agroecológica;
- Iniciativas de comercialização direta, entre outras...

Destaco também a importância do STR quando do endividamento da Cooperativa, buscando saídas para a grave crise financeira daquela entidade.

Outro momento importante de negociação junto aos agricultores foi por ocasião da reivindicação de um grupo indígena por terras colonizadas e habitadas por agricultores. O STR tornou-se uma ferramenta de luta nas mãos dos próprios agricultores. Muitos nomes poderiam ser citados nesta caminhada, cada um com suas experiências e contribuições específicas, mas não posso deixar de mencionar o carisma do inesquecível companheiro Rogério Guadagnin. Ele foi o grande impulsionador desta nova caminhada. Pessoa humilde, alegre e perseverante que mudou a história transformando esta entidade sindical em um paço de crescimento e verdadeira ferramenta de luta nas mãos dos agricultores e Agricultoras do município de Ibiraiaras e que até os dias atuais se mantém atuante e acredito com os mesmos ideais de quando iniciamos os trabalhos.

Tenho carteira assinada no período de março de 1988 a setembro de 1989. Recebia ½ salário para dedicar tempo integral a serviço do STR, período este que somente foi possível com acolhimento da família do Sr. Angelo Brancalione, que me acolheram em sua casa sem cobrar pensão. Depois teve outro período em que fui melhor remunerada e atuava como membro da diretoria”.

ANEXO 05:

História da Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Rio Grande do Sul - FETAG⁶⁹

“Tudo começou com as atividades do Movimento Sindical dos Trabalhadores e das Trabalhadoras Rurais, a Frente Agrária Gaúcha (FAG), que era ligada à igreja católica, que tinha por finalidade orientar e defender o homem do campo. A FAG foi criada em julho de 1961, a pedido do Papa João XXIII, com a Encíclica Mater et Magistra e tinha como objetivo estudar a questão agrária, formar líderes rurais e incentivar a formação de sindicatos e cooperativas rurais. Logo de início e por muito vários anos a Igreja manteve um programa radiofônico para divulgação, informação e formação dos agricultores, intitulado “Frente Agrária Gaúcha”, tendo como coordenador principal o Irmão Miguel dos Maristas (o atual Instituto de Formação Sindical da FETAG chama-se Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel (IFSIM), em sua homenagem). IFSIM, criado no dia 11 de agosto de 2004, tem como missão “Contribuir com a formação, capacitação e qualificação de lideranças comprometidas com o movimento sindical de trabalhadores e trabalhadoras rurais, nos aspectos administrativos, político, humano e social”.

No dia 3 de outubro de 1963, um grupo de agricultores e dirigentes sindicais reunidos, sentiram a necessidade de criar uma entidade que congregasse os Sindicatos dos Trabalhadores na Lavoura. Naqueles tempos já existiam mais de 50 sindicatos no Estado. Representantes de oito sindicatos das cidades de Porto Alegre, Taquari, Veranópolis, Caxias do Sul, Antônio Prado, Santa Rosa, Torres e Farroupilha criaram a Federação dos Pequenos Proprietários e Trabalhadores Autônomos do Rio Grande do Sul. Dois meses depois, no dia 22 de dezembro, nascia a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), em Brasília.

No dia 24 de agosto de 1965, a Federação dos Pequenos Proprietários e Trabalhadores Autônomos do Rio Grande do Sul foi reconhecida e teve outorgada sua Carta Sindical, passando a chamar-se Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado do Rio Grande do Sul - FETAG. O ato de reconhecimento foi publicado no Diário Oficial da União em 9 de fevereiro de 1966.

O trabalho sindical, inclusive a criação dos sindicatos, que era executado pela FAG, passou a ser realizado pela FETAG. O primeiro presidente foi José Ary Griebler, que tinha apenas 23 anos de idade. Esse período de organi-

⁶⁹ O resumo aqui apresentado teve como fonte BASSANI, Paulo. *Frente Agrária Gaúcha e Sindicalismo de Trabalhadores Rurais*. EDUEL - coedição Editora da ULBRA, 2009.

zação foi marcado por debates e congressos defendendo a Reforma Agrária, o apoio às formas associativas, a luta por melhores preços para os produtos agrícolas, o cumprimento da legislação trabalhista e, especialmente, a equiparação de direitos entre trabalhadores urbanos e rurais.

A primeira sede da FETAG foi instalada numa sala cedida pela Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Já em 1968, contando com cerca de 100 Sindicatos dos Trabalhadores Rurais filiados, adquiriu sua sede própria no 5o andar do prédio localizado na Rua Voluntários da Pátria, 595, no centro da Capital. Mais tarde se transferiu para o 12o andar, onde permaneceu até julho de 2003. Lá hoje funciona o Instituto de Formação Sindical Irmão Miguel – IFSIM. A partir de agosto, a FETAG muda de endereço e vai para o novo prédio na Rua Santo Antônio, 121.



Em setembro de 1968, Octávio Adriano Klafke tornou-se o segundo presidente da FETAG, permanecendo até 1977. Ex-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Venâncio Aires, enfrentou inúmeras dificuldades para organizar e fazer crescer a Federação, pois era época de ditadura militar no Brasil, o que dificultava o trabalho do movimento sindical.

Em 1975, a FETAG divide o Rio Grande do Sul em nove regiões e 17 sub-regiões, de acordo com a cultura, mão de obra, população rural, uso da terra, hábitos e origens comuns. Estas sub-regiões serviram de base para a criação das Regionais Sindicais – atualmente em número de 23 – que passaram a ser uma importante forma de organização do movimento sindical. Essa divisão em regionais permitiu à FETAG um grande poder de organização para mobilizar o seus afiliados de forma rápida e organizada.

A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES

Ainda em 1970, as mulheres trabalhadoras rurais começaram a se organizar. A presença da mulher gaúcha como membro importante na comunidade da agricultura sindical surgiu a partir do momento em que as Escolas de Educação Familiar criadas pela FAG e apoiadas pela FETAG, com cursos de

costura, crochê e tricô. O marco decisivo do ingresso da agricultora nas questões sindicais da FETAG ocorreu em março de 1982, quando um grupo de mulheres participou do 2º Encontro Anual de Dirigentes Sindicais. Olhos surpresos voltaram-se para a presença feminina no Congresso e a confirmação do poder da agricultora somando no fortalecimento sindical.

Em 1985, é criada a Comissão Estadual de Mulheres Trabalhadoras Rurais. E daí em diante, em todos os encontros e seminários, a presença da trabalhadora rural vem sendo fundamental na discussão dos problemas enfrentados. Neste mesmo ano houve o 1º Encontro Estadual das Trabalhadoras Rurais, em Porto Alegre, que contou com a participação de 10 mil pessoas, tornando-se o maior encontro de trabalhadoras rurais realizado até então.

A FETAG sempre se preocupou com a saúde, que é considerado o maior bem do ser humano. Em 1979, a FETAG promove um protesto com mais de 10 mil agricultores em Frederico Westphalen, tendo como bandeira principal a assistência médico-hospitalar para que o colono não precisasse vender a última vaca de leite para pagar a conta no hospital. A Comissão Estadual de Saúde realiza um trabalho em favor da saúde pública, uma vez que o seu conceito básico tem mudado nos últimos anos.

A organização sindical, política e partidária aflorava no País. Saúde, previdência e garantia dos direitos trabalhistas e sindicais para os trabalhadores rurais eram debatidos na FETAG e nos Sindicatos. Em 1984, Pinheiro esteve à frente do Grito do Campo, uma manifestação que reuniu mais de 40 mil pessoas no Estádio Beira-Rio, entre eles o então candidato à presidência da República, Tancredo Neves”.

(NOTA: O STR de Ibiraiaras, a partir do dia 22 outubro de 1988 deixou a FETAG, filiando-se à CUT. A partir desta data o STR de Ibiraiaras faz parte do Departamento Rural da Central Única dos Trabalhadores do Brasil).

Referências Bibliográficas:

1. Livros de Atas das Assembleias Gerais: São três, sendo que no primeiro livro só foram registradas 13 Assembleias Gerais, sendo que Angelo Avelino Segala, que tinha uma ótima caligrafia, apenas redigiu a primeira. Quem redigiu as demais foi o Abramo Guidolin, também com boa caligrafia⁷⁰. O 2º. Livro de Atas das Assembleias Gerais traz a cópia das 13 Atas do primeiro livro e acrescenta as demais até 17.12.1997. As demais Atas estão no terceiro livro (na prática o 2º.), faltando a Ata da Assembleia (2016) que foi registrada, por engano, no 5º. Livro das Reuniões da Diretoria.

2. Livro de Atas das Reuniões de Diretoria: Existem cinco livros: o 1º. registrou 111 Reuniões (de 1967 a março de 1985); o 2º. registrou as reuniões 112 a 177 (de março de 1985 a fevereiro de 1990); o 3º. registrou as reuniões 178 a 234 (de 3.07.90 a 1996); o 4º. registrou as reuniões 236 a 308 (de 1996 a 2001); o 5º. registrou as reuniões 309 a 452 (6.11.2001 a 19.02.2016). Neste último livro se encontra também a Ata da Assembleia. Geral de 25 de fevereiro de 2016, que aprovou os novos Estatutos do SINTRAF de Ibiraiaras, RS.

3. BASSANI, Paulo. Frente Agrária Gaúcha e Sindicalismo de Trabalhadores Rurais. EDUEL - coedição Editora da ULBRA, 2009.

4. Bruxinhas a Serviço da Vida. MMTR de Ibiraiaras.RS. Passo Fundo: Gráfica Battistel.

5. GUADAGNIN, Eni Maria. Ibiraiaras sua terra e sua gente. Gráfica e Editora Berthier, Passo Fundo, 2.000.

Nenhuma trabalhadora rural sem documentos! Cartilha de formação e informação, No. 01- agosto/94.

6. Os trabalhadores rurais e a previdência social. 35 anos FETAG/RS. Contag e Deser. Brasília. 1998.

7. “Nós não queremos favores nossa história a gente faz”. Promovendo a saúde da mulher e da família rural. Caderno de formação n. 01. MMTR/RS e CEAP. Porto Alegre, Gráfica Imperial. 1999.

8. *Caminhos da “Afirmação Camponesa”*- Tecnologias e conhecimentos populares. Publicação da Direção do MPA-PR, 2009.

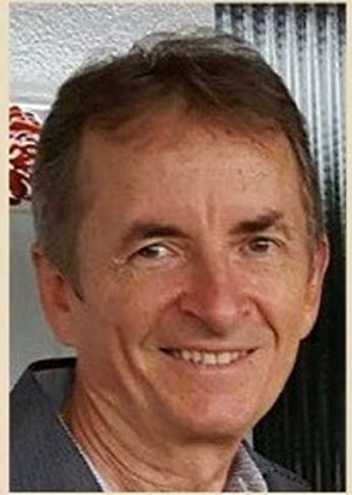
9. RUBIN, Jeffrey W. and Emma Sokoloff-Rubin. SUSTAINING ACTIVISM. A Brazilian Women’s Movement and a Father-Daughter. (Duke University Press Durham and London, 2013), 177 páginas.

⁷⁰ Em se falando sobre caligrafia, ao folhear o Livro de Atas das Assembleias Gerais No. 02, nos chama a atenção as atas de no. 31 a 44, transcritas por Moacir Costa, que foi presidente do STR por 9 anos e depois secretário.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



Ignacio Dalcim, mestre em História pela PUG de Roma e cursos de especialização em História da América Latina no México e São Paulo, reside atualmente em Marau, RS, dedica-se à pesquisa e é autor de:

Em busca de uma Terra sem Males (Ed. EST), Breve HISTÓRIA DAS REDUÇÕES jesuítico-guarani (Ed. Loyola), 90 anos de Fé e Trabalho (Ed. Berthier), A vida é uma incógnita (Ed. Berthier), Fascínio e mistério nas ruínas das Missões (Ed. Berthier) e alguns relatos de Viagens como: Viagem ao extremo sul da América, Viagem ao deserto do Atacama, Viagem pelo oeste do Brasil, Viagem pelo centro e nordeste do Brasil e Viagem aos sítios arqueológicos das Reduções/Missões - que podem ser lidos, via online, em www.projetopassofundo.com.br

Esta bandeira representa ao mesmo tempo as lutas e as conquistas de todos nós, agricultores e agricultoras, durante estes 50 anos de história



Ser associado do SINDICATO é motivo de honra e orgulho para todos aqueles que têm senso comunitário e comungam dos ideais de uma sociedade mais justa e igualitária.



SEMENTES DE BATATA
básicas: + de 10 variedades
Sergio Zanette e Filhos
(54) 9999 82695



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

